

ELEIÇÕES 2018

Balanço e Perspectivas



Índice

Introdução

O Tempo não acabou

[Ricardo Timm de Souza](#)

Sou a favor da justiça, esperança, vida, ética, diversidade, AMOR, enfim. Não sou filiado a partido político, mas creio que 50 anos de leitura, vivências em muitos lugares do Brasil e do mundo e participação ativa por causas democráticas desde a campanha das Diretas Já, 1984, pelo menos, me autorizem a exprimir, excepcionalmente, meu parecer sobre o momento que vivemos do ponto de vista geo-bio-político, no Brasil.

- 1 - O Brasil não tem 48 milhões de fascistas convictos;**
- 2 - Os brancos e nulos são muitos milhões indiferentes, etc., a serem conquistados pelo campo democrático;**
- 3 - A questão não é racional, mas, antes, EMOCIONAL em boa parte; a manipulação de MEDOS das massas pela direita**

tradicional e arrivistas; a extraordinária votação proporcionalmente de Daciolo, e não a de Bolsonaro, mostra isso; mas não importa, agora, investigar as razões disso, e, sim, combater essa indigência geral (melancolizada, psicanaliticamente falando);

4 - Em pesquisa realizada há 2 semanas, diferentemente de todos os outros candidatos, que atraíam seus eleitores por causa de suas idéias ou projetos, o eleitor médio de B é atraído pela "segurança" prometida pelo candidato - "limpar as ruas de bandidos", etc.

5 - Os fascistas convictos não têm idéias, apenas \$\$\$, armas, ódios e medos; é isso que eles passam para o rebanho que os segue, que replica infinitamente esse mantra; por isso, não adianta contra-atacar com argumentos, como costumamos fazer nós, os intelectuais; há que localizar os medos e trabalhá-los **POSITIVAMENTE;**

6 - O combate no âmbito das idéias é importante, porém, nesse momento, muito mais importante é uma **ASSERTIVIDADE, POSITIVIDADE e CONFIANÇA - acima de tudo - que possam ser expressas com **CLAREZA e SIMPLICIDADE**; há **MUITA** gente insegura da escolha que fez e/ou pretende fazer;**

7 - Se os campos progressistas acreditam no que dizem e professam, têm que realmente se unir num ideal positivo **COMUM. O momento é **ATÍPICO**, e não adianta o recurso a lógicas típicas. Já se perdeu tempo demais por vaidades, ressentimentos, etc.. As dissensões em grupos chamados "unidos contra..." provam isso (energia e paixão jogadas no lixo);**

8 - Já há a percepção clara de que estamos em meio a uma onda de "entusiasmo" que precisa ser constantemente alimentada para se manter e, em qualquer hipótese, tende em pouco tempo a se diluir e rarificar; há multidões de eleitores erráticos que entraram na onda, e logo que passar a euforia, vão se sentir novamente desamparados; há que aproveitar esse extraordinário momento criativamente;

9 - Não perder tempo com espantos. Sim, nossa população média é primitiva, deseducada, atrocemente ignorante, psicologicamente muito mal-resolvida, cheia de recalques, doente como a sociedade brasileira como um todo. Isso não vai

mudar por uma pedagogia atabalhoada. O que resta é SALVAR o que pode ser salvo por agora.

10 - Finalmente, tudo o que querem é que as pessoas de boa vontade percam as esperanças; porém, isso é impossível, pois não "temos" esperanças, e sim "somos" feitos de esperança (Bloch). Portanto, hora de transformar CRISE (extrema) em CRÍTICA (extrema), de ser radical indo às RAÍZES, de se reinventar nas agruras do pântano e de ver que VALE A PENA. Pois o tempo ainda não acabou.

Alberto Carlos Almeida -

<https://www.facebook.com/alberto.c.almeida.7/videos/10212181501672749/?t=30>

Momento importante de nossa democracia, que tem que ser tratado com moderação e respeito. Miriam Leitão defende o PT e critica Bolsonaro no que diz respeito à defesa da democracia

Virginia Botelho

<https://www.facebook.com/virginia.cunha.9655/videos/1927917077502117/?t=21>

Com assessoria do estrategista de campanha de Trump, Steven Bannon, a campanha bem sucedida do capitão candidato, comentada por Marcelo Lins, jornalista de política da GloboNews.

Video bem curtinho.

1.Lições das eleições presidenciais- Paulo Timm

2.Guerra de estigmas e falsas ilusões - Marco Aurélio Nogueira

3. O debate que faltou - Mangabeira Unger

4.Alô, companheiros de elite – Ricardo Semler

5.Balanço e Perspectivas Eleições - Breno Altman

6.Analistas O GLOBO – M.Pereira /B.Mello Franco

7.Matias Spektor . Onde erramos? 30 anos de Nova República

8.Luiz Nassif – CGN

9.Carta aberta de Manuel Castells aos intelectuais do mundo

10. Um duro revés para o PT, por Aldo Fornazieri

11. Nas entrelinhas: O xadrez do segundo turno - Luiz Carlos Azedo

12. Ao vencedor, as batatas - Luiz Werneck Vianna

13. Hora de voto - Fernando Henrique Cardoso,

14. Epopeia Democrática - André Singer

15. O vendaval conservador - Marco Aurélio Nogueira

16. A oportunidade de Haddad corrigir os erros do PT- Paulo Endo

17. BOLSONARO É O 'ANTI-SISTEMA' E HADDAD É A 'ANTI-EXPLORAÇÃO', DIZ CIENTISTA POLÍTICO ANTONIO CARLOS ALMEIDA

18- “Acusaram o PT de imitar a Venezuela, mas é Bolsonaro quem se espelha no processo de lá” – Ent. Maria Hermínia – CEBRAP

19. New York Times: A democracia do Brasil pode ser salva? Robert Muggah

20. A eleição da vingança & O PT em segundo lugar - Marcos Nobre –

21. A hora do Brasil – Editorial EL PAIS

22. Furacão devastador - Tereza Cruvinel

23- “O ódio deitou no meu divã”

24. O dever dos neutros: FRENTE DEMOCRÁTICA – R.Ricúpero

*

1.Lições das eleições presidenciais

Paulo Timm – Especial A FOLHA, Torres . out 04

Na quinta feira anterior ao domingo das eleições, dia 4 de outubro, assistimos aos últimos acordos dos candidatos à Presidência, neste ano da graça de 2018. Terá acabado o programa eleitoral dito gratuito, porque pago pelo Governo, no rádio e televisão, que chega aos mais recônditos grotões do território geográfico e social do país. E os candidatos terse-ão confrontado pela última vez, tal como nas últimas eleições, na telinha da Globo. Reta final, na qual é sempre possível alguma surpresa. A tendência mostra dois vencedores no primeiro turno: Bolsonaro, pela direita, x Haddad, pela esquerda, com uma diferença de 10 pontos, aproximadamente, a favor do primeiro. As surpresas poderão ser uma eventual vitória de Bolsonaro no primeiro turno ou uma ultrapassagem, de última hora, de Ciro Gomes, do PDT, sobre o petista. Afinal, chegamos às urnas com quase um terço dos eleitores ainda inseguros quanto à sua participação. Vai que... Ambas alternativas, entretanto, dadas como improváveis, embora possíveis. Bolsonaro e Ciro foram, enfim, foram os protagonistas com melhor performance pessoal na atual campanha. Podem surpreender.

Quais as lições que podemos tirar desta eleição presidencial?

Persiste, entre nós, o embate entre duas visões de mundo: Conservadores versus Progressistas, nome mais geral para identificar, respectivamente, direita e esquerda. Conservadores são mais identificados com a manutenção da ordem, seja ela social, cultural ou econômica. Reagem ao ritmo das transformações, hoje alimentados pelos 20 milhões de evangélicos. Progressistas, como o nome sugere, são mais favoráveis às mudanças, que identificam como progresso, em quaisquer dos âmbitos da sociedade. . Uns e outros mudam de fisionomia, mas subsistem, nos seus vários tons – menos de 50! - no cenário eleitoral, desde 1950.

Naquela época venceu Getúlio Vargas, que era o candidato progressista sob a sigla do Partido Trabalhista Brasileiro. Ganhou, levou, mas não chegou ao fim do mandato, tamanha a campanha conservadora que se abateu sobre ele, que estaria acobertado por um “Mar de Lama”. Curiosamente, à então Oposição, associaram-se os comunistas, que não o viam com bons olhos, desde os tempos que penaram nas prisões a tentativa de derrubar o regime em 1935. Suicidou-se Vargas em 1954, para não ser deposto. Com isso virou a conjuntura, graças à forte comoção social dos trabalhadores urbanos, sob a qual sossobraram os órgãos de imprensa que o combatiam. Vieram as eleições de 1955 e, de novo, o embate entre as duas facções ideológicas, bastante moderadas: Apoiado pela esquerda, reunificada depois da morte de Vargas, JK vence e abre o Brasil para os gloriosos “Anos Dourados”, quando pontificaram a Bossa Nova, o Cinema Novo, as grandes obras das 30 Metas de seu Plano de Governo, sobre o qual erigia-se o produto da ciência e arte da engenharia brasileira, a nova capital, Brasília. Apesar da euforia da época, tropeçam as forças progressistas que apoiavam JK, na sua sucessão, quando apresentaram o General Lott como candidato, ao feitiço da “vassourinha” da direita: Sobe o controvertido Jânio Quadros, apoiado pela UDN tendo como Vice, verdadeira loucura, um Vice eleito pela esquerda, João Goulart. Votava-se, então, separadamente, para Presidente e para Vice. Daí o paradoxo. Duram apenas sete meses as ilusões conservadoras. Jânio renuncia, abre-se uma grave crise militar, pela objeção da caserna à posse de Jango, Brizola resiste na Legalidade e, enfim, voltam os progressistas, por linhas tortas, à Presidência, com Goulart para completar o mandato interrompido. Ressentidos, inconformados e radicalizados, os conservadores o derrubam, porém, com apoio militar imbuídos da ideologia da Segurança Nacional da Guerra Fria, em 31 de março de 1964, num dia que se prolongará na escuridão autoritária por 21 anos. Redemocratização e nova campanha presidencial em 1989. Ganham, surpreendentemente, os conservadores, endossando o nome de Collor, numa reedição de Jânio, que derrota um Lula ainda tímido no segundo turno. Abre-se, então, um caminho de grande renovação dos quadros da política nacional, tanto à esquerda, pela projeção do lulo-petismo, quanto da direita, que sufragará Fernando Henrique Cardoso, com ampla penetração nas classes médias urbanas, por duas vezes: em 1994 e 1998. Progressistas e Conservadores, passam, a partir daí, por grandes metamorfoses internas, deslocando-se, cada vez mais, para duas tendências da social-democracia, como inspiração de mudança gradual: O PSDB, de FHC, distante da velha direita militarista e o PT, de Lula, independente dos comunistas e trabalhistas históricos, com apoio da Igreja Católica inspirada na Teologia da Libertação, do novo sindicalismo que se associaria a uma combativa central – CUT - e grande parte da inteligência. Em 2002, 2006, 2010 e 2014 os petistas levam a melhor, mas sucumbem no impeachment da Dilma em 2016, no bojo de uma radicalização cada vez maior de um e outro lado, com um conseqüente debilitamento do centro.

Em 2018, mais uma vez, assistimos a contenda histórica entre Conservadores e Progressistas, matizada, porém, pela radicalização polarizada das respectivas tonalidades. A direita civilizada globalista do PSDB perde espaço para um novo

personagem, Bolsonaro, que personifica, quase sozinho, mas com competência - soterrando as pretensões de aliados ideológicos como Amoedo, Meirelles e Alkmin - o anti-petismo, enquanto o PT, em seus desdobramentos com a prisão de Lula, opta por uma solução mais à esquerda, em aliança com Pcdob, como solução à sua própria crise. O velho centro, representado durante toda a redemocratização pelo PMDB se esvai, empurrado à direita pelo Governo Temer, ficando reduzido à menores expressões regionais dissidentes no nordeste. Isso, aliás abriu uma brecha para novas narrativas, como Ciro Gomes, do PDT e Marina Silva, da Rede, ainda carentes de confirmação.

Erram, pois, todos os que insistem que o Brasil nunca teve Partidos. Não só os teve, como fez sua História no embate ideológico entre correntes competitivas e concorrentes. Ao longo das crises, sempre houve, entretanto, uma opção centrista que apontava, não propriamente para uma conciliação nacional, como a análise crítica insiste em frisar, mas como caminho possível para o desenvolvimento com democracia, tal como foram JK, em 1955, Tancredo Neves, em 1961, e Ulysses Guimarães, na redemocratização, com epílogo na Constituição Cidadã de 1988, que cumpre, hoje, 30 anos. Aqui, vale ressaltar o que tem sido um requisito de funcionamento da democracia: a auto-contenção, seja no plano subjetivo, seja no plano objetivo das proposições. Mas o Brasil mudou e trouxe no bojo de suas transformações novos desafios que parecem dificultar este exercício. Lástima! Ao voto, pois (!), como prefere a maioria dos brasileiros em recente pesquisa da Datafolha - <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/05/datafolha-democracia-e-a-melhor-forma-de-governo-para-69-dos-brasileiros-ditadura-em-certas-circunstancias-e-opcao-para-12.ghtml> . Este o critério para o aprofundamento da democracia-entre-nós e não seu desastre, como muitos, em vários lugares do mundo, já o pressentem. Não por acaso o best-seller do momento é um livro sobre o fim das democracias. Eis, para concluir, o cenário:

O Fim da democracia -

<https://ocultorevelado.webnode.pt/euro.../o-fim-da-democracia/>

O Fim da democracia. O poder já mudou de mãos. Os verdadeiros donos do mundo já não são os governos, mas sim os donos dos grupos das multinacionais ...

Os militares e o fim da democracia — CartaCapital

<https://www.cartacapital.com.br/.../os-militares-e-o-fim-da-d...>

14 de abr de 2018 - A democracia no Brasil acabou. O último lance foi dado pelo Exército, xeque-mate. A declaração do general Eduardo Villas Bôas de que o ...

O Fim Da Democracia - 9788528603903 - Livros na Amazon Brasil

<https://www.amazon.com.br/Fim-Democracia-Jean-.../.../8528603903>

Compre O Fim Da Democracia, de Jean-Marie Guehenno na Amazon.com.br Livros. Confira livros em oferta e lançamentos na Amazon Livros.

O fim da democracia? - Revista Cult

<https://revistacult.uol.com.br/home/o-fim-da-democracia/>

5 de jun de 2017 - Um dos mais importantes filósofos vivos, o canadense

Charles Taylor, que tem livro lançado no Brasil, ataca o “infoentretenimento” e alerta ...

O fim da democracia do ocidente - Enviadas Por Leitores - JusBrasil

<https://por-leitores.jusbrasil.com.br/.../o-fim-da-democracia...>

Já faz algum tempo que o mundo vem passando por mudanças. Aquilo que há alguns anos era debatido pelas crianças dentro das salas de aula e pelos ...

O fim do século democrático | Instituto Mercado Popular

mercadopopular.org/2018/04/o-fim-do-seculo-democratico/

23 de abr de 2018 - Os cidadãos de todo o mundo eram atraídos pela democracia liberal não apenas ... e uma estrutura de alianças comuns está chegando ao fim.

Como as democracias morrem

[Visualizar livro](#)

<https://www.youtube.com/watch?v=gHPuCNQEJQM> – vídeo sem tradução

<https://www.youtube.com/watch?v=R8QL1fVBjI8> – vídeo com tradução

<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/02/steven-levitsky-intolerancia-hoje-mata-democracia-aos-poucos.html> - press

Uma análise crua e perturbadora do fim das democracias em todo o mundo Democracias tradicionais entram em colapso? Essa é a questão que Steven Levitsky e Daniel Ziblatt - dois conceituados professores de Harvard - respondem ao discutir o modo como a eleição de Donald Trump se tornou possível. ... [Google Books](#)

Autor: [Steven Levitsky](#)

A erosão dos direitos civis

<http://revistamirante.wordpress.com/>

2. Guerra de estigmas e falsas ilusões

30 de setembro de 2018 [Marco Aurélio Nogueira](#) - <https://marcoanogueira.pro/guerra-de-estigmas-e-falsas-ilusoes/>

Um traço da cultura de esquerda é a arrogância: achar que os outros não veem a verdade dos fatos. Somente a esquerda seria clarividente e estaria livre da ingenuidade, da alienação, da ignorância.

Nem todos de esquerda são assim, obviamente, e quero crer que a maioria se orienta por critérios de flexibilidade, de respeito pelos demais, de generosidade, que são a marca mais forte deste campo político e ideológico. A esquerda é heterogênea, abarca diferentes modalidades de pensamento, de conduta, de atitude diante da vida.

Apesar disso, é bastante comum a figura do militante de esquerda que carrega no bolso um manual de verdades e ensinamentos, utilizando-o para pressionar, criticar ou persuadir seus interlocutores.

Nenhuma posição política ou ideológica está imunizada contra esse fascínio pela arrogância, pela presunção de estar acima e à frente dos demais. Militantes e ativistas tendem a ser convictos totais, não deixam espaços para dúvidas ou ponderações. A direita extrema, por exemplo, é pródiga em delírios de soberba, passionais e irracionais, distantes da serenidade e da prudência. É um fascínio prepotente, gerador da certeza de possuir uma verdade que dispensaria qualquer justificativa lógica ou fatural – uma verdade, portanto, que não se mostra entranhada naquele que julga possui-la.

Quanto mais radicalizada é vivida uma posição, mais a empáfia e a brutalidade argumentativa prevalecem, especialmente frente a quem pensa de forma diferente. As críticas da extrema-direita e da esquerda radicalizada são quase sempre duras, passionais, repletas de adjetivos e frases desqualificadoras. A estigmatização dos adversários é uma espécie de alvo permanente, pois a convicção é que os estigmas ferem mais fundo, machucam e colam na pele do inimigo como sarna. São carimbos, marcadores, pouco importando que desprezem a honestidade ou o rigor.

Uma máxima dessa postura poderia ser: num combate, é irrelevante a verdade dos fatos ou a dignidade do adversário, o decisivo é destruí-lo.

A esquerda brasileira radicalizou-se muito nos últimos anos. Perdeu parte ponderável da generosidade que lhe é típica, da reflexividade crítica, da tolerância. Empobreceu-se como campo articulador dos desiguais, que se dispersaram. Deixou de propor, de atuar como polo pedagógico. Não houve plano nem intenção explícita nesse movimento, ele simplesmente foi acontecendo, determinado pelos fatos e pelas circunstâncias. A esquerda perdeu força na sociedade e como derivação terminou por fazer do PT seu bunker e seu aríete, em nome da ideia de que esse partido não só retinha o melhor do progressismo como também estava sendo caçado sem piedade pelas forças do capital e da reação.

Trabalhou-se sistematicamente para fixar esse horizonte no mundo intelectual, na universidade, nos circuitos artísticos, na política, no sindicalismo, na vida associativa. Infectou-se o discurso político com falsas ilusões e palavras-chave que deveriam ser repetidas à exaustão, sem que se tivesse tempo de raciocinar. Foi um esforço bem sucedido, mas que teve um efeito colateral: o desentendimento, o fechamento dos espaços de cooperação, a intolerância, o empobrecimento do debate público.

Quanto mais se avançou nessa direção, mais a sociedade foi ficando estressada, desconfiada dos políticos, convencida de que a discussão política ou cultural não pode ser travada de modo civilizado, sem estigmas, berros e slogans de mobilização. Mais a direita foi crescendo, beneficiada por um estado de coisas marcado pela exasperação. Atiçadas por um lado e pelo outro, as redes sociais enlouqueceram. Os recintos de debate e reflexão converteram-se em local de protestos e manifestações.

Houve quem resistisse, mas sem conseguir furar o cerco. Os “resistentes” foram sendo empurrados para fora do círculo dourado do progressismo oficial, identificados com o inimigo a que se devia combater sem trégua. Foram combatidos com igual ferocidade pela direita extrema, que os via como comunistas disfarçados.

A esquerda moderada – social-democrática, reformista, socialista, liberal-socialista – foi sendo assim encurralada, vista pela esquerda radicalizada como prestando serviços aos reacionários e pela extrema-direita como colaboradora de progressistas corruptos. Ficou sem saber como demarcar um espaço.

Criou-se dessa forma um escudo que protegeu a esquerda radicalizada, facilitando-lhe o trabalho de dissimular seus equívocos, seus erros de conduta política, seu cinismo e seu apetite pelo poder. Protegida por esse escudo, a esquerda radicalizada pode continuar a praticar suas políticas, a defender seus interesses particulares, a cultuar seus mitos e heróis, a atribuir toda culpa pelos desacertos nacionais aos inimigos, aos “outros”. Essa esquerda governou o país durante extensos 13 anos e jamais admitiu ter feito escolhas equivocadas, nem sequer em decisões localizadas.

Ela se tornou, assim, uma esquerda não responsabilizável. Tudo o que de problemático aconteceu – a crise econômica, a crise fiscal, a péssima qualidade da política, o Estado inchado e ineficiente, a dificuldade de distribuir renda de forma sustentável, a fragilidade dos sistemas de proteção social, a violência, a insegurança, a corrupção oceânica — tudo isso, e mais um pouco, teria sido provocado pelos inimigos de classe, pelos outros, pela mídia do capital, pelas circunstâncias externas. Numa versão ainda mais esdrúxula, seriam erros causados não pelos governos petistas que se sucederam desde 2003, mas pelo impeachment de Dilma e pelo período Temer, uma “herança maldita” legada pelo PT ao próprio PT.

A esquerda no poder seguiu impávida, jurando ter mãos limpas e intenções puras. Não mudou de orientação nem quando sofreu derrotas eleitorais acachapantes, como em 2016, ou quando foi pega com a mão na botija da corrupção. Nada a atingiu, nada fez com que mudasse de posição, nada lhe serviu de alerta. Ao contrário, quanto mais se complicava mais atuava para ampliar os vetos, os estigmas, uma prática política viciada e autoritária.

A radicalização, porém, não foi improdutiva.

Serviu antes de tudo para promover a recuperação do PT, sua volta ao palco com uma bandeira ainda mais empolgante, a da vitimização de Lula. A estratégia repôs o PT como força eleitoral, com o mesmo estoque de ideias e condutas de antes, só que ainda mais histriônicas e performáticas. Em vez da “luta de classe” contra o capital, surgiu a luta dos condenados da terra em prol de um passado mitificado, onde a felicidade reinava.

A radicalização, em segundo lugar, empoderou a extrema-direita, dando-lhe argumentos e oxigênio para disseminar um repertório regressivo misturado com conservadorismo moral e repúdio ao petismo.

E, por fim, ajudou a dizimar o centro liberal-democrático, que não se mostrou competente para atuar com eficácia no ambiente tóxico propiciado pela

radicalização, cedeu a seus próprios caprichos e não soube travar qualquer combate.

Hoje, faltando poucos dias para as urnas de 7 de outubro, o cenário que se desvenda é de um choque épico entre uma esquerda radicalizada sem propostas e uma extrema-direita sem ideias. Ninguém a rigor poderá sair vencedor dessa refrega. O país do próximo ciclo dificilmente será governável, dada a reiteração de narrativas políticas que dividem a sociedade em campos inconciliáveis e que tratam os moderados como seres repulsivos ou como inocentes úteis.

Precisamos desarmar essa bomba.

A sorte de todos é que a vida seguirá. Falaram tanto em golpe e perseguição “de classe” que criaram um cenário de horror no qual a democracia estaria sendo destruída. Ela, porém, enquanto institucionalidade, não cedeu e conseguiu resistir, em que pesem a má qualidade da representação política, a crise dos partidos e a ausência de projetos de sociedade. Enquanto cultura, porém, o risco de retrocesso democrático é enorme. Faltam cidadãos educados, falta educação democrática, faltam lideranças e elites em todos os campos da vida: na política, na intelectualidade, na área técnica, entre os artistas, no mundo sindical. Viramos um corpo desconjuntado e sem cabeça.

Em algum momento, essa miséria de lideranças e valores cobrará seu preço. Nesse ponto, os moderados serão chamados para entrar novamente em campo: os articuladores, os que tecem redes e constroem pontes. Porque sem eles os pedaços não conseguem se compor e os extremos se prolongam, agarrados às suas próprias boias de salvação.

3. O debate que faltou - Mangabeira Unger

O debate que faltou na eleição

País precisa de nova estratégia de desenvolvimento

Roberto Mangabeira Unger

Professor na Universidade Harvard (EUA) e um dos coordenadores do programa do candidato Ciro Gomes; ex-ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos (2007-2009 e 2015, governos Lula e Dilma)

O Brasil precisa mudar de rumo. Para onde e como? Esse deveria ser o tema central do debate na sucessão presidencial. Não tem sido. Dos candidatos à Presidência, Ciro Gomes é o único que insiste.

Nos governos do PSDB e do PT, o Brasil adotou variações da mesma estratégia de desenvolvimento econômico: complacência com a desindustrialização do país, aceitação de matriz produtiva baseada na produção e exportação de commodities, tentativas frustradas de melhorar a situação fiscal do Estado na esperança de ganhar a confiança financeira, socorro aos pobres sem sua capacitação e descuido com políticas universais como o SUS, oferta de mais escola de baixa qualidade para mais gente.

Involução produtiva, extrativismo desindustrializante, rentismo financeiro, reformismo fiscal acanhado e inconsequente, pobrismo ou assistencialismo na política social, quantidade sem qualidade no ensino. De um governo para outro variou apenas a ênfase nos elementos desse receituário.

Agora, o Brasil precisa voltar-se para outra estratégia de desenvolvimento: à democratização do consu-

mo há de seguir a democratização da produção — a qualificação do aparato produtivo associada à ampliação do acesso às oportunidades econômicas e educacionais.

Reindustrializar, sim, mas não para voltar à indústria convencional, de meados do século passado, nem para privilegiar a manufatura avançada em detrimento dos serviços e da agricultura; para dar os primeiros passos rumo ao que ainda não existe em qualquer país: forma aprofundada e disseminada do novo vanguardismo produtivo — a economia do conhecimento.

Flexibilizar as relações de trabalhar sem precarização do emprego ou aviltamento dos salários. Reconstruir a maneira de aprender e de ensinar no Brasil: pôr capacitação analítica no lugar de enciclopédismo raso e dogmático. Radicalizar no imperativo do realismo fiscal: não para ganhar a confiança financeira, mas para não depender dela e para poder ousar na estratégia de desenvolvimento.

A democratização do consumo se pode fazer só com dinheiro. A democratização das oportunidades exige inovação institucional na maneira de organizar a economia de mercado.

Só o que deixa legado institucional perdura na vida das nações. O Brasil não conhece momento de construção institucional abrangente desde Vargas. Vivemos em meio aos destroços do corporativismo varguista. O PT quis humanizar o mundo econômico e social talhado por esse corporativismo em ruínas. Agora, porém, a tarefa é construir instituições econômicas que nos permitam fazer, de maneira socialmente inclusiva, a travessia para as formas avançadas da produção e instituições políticas que não precisem de crises para facultar mudanças.

Os governos do PT e do PSDB abordaram os brasileiros como beneficiários a cooptar em vez de abordá-los como agentes a equipar. Os pobres receberam o dinheiro dos programas sociais; as corporações, os direitos adquiridos; os grandes empresários, o crédito subsidiado e os favores tributários; os rentistas, os juros astronômicos. O Brasil estagnou, resvalando em primitivismo produtivo e educacional que negou braços, asas e olhos a nosso recurso mais importante: a assombrosa vitalidade da nação.

Como passar do primarismo produtivo para a qualificação produtiva, da democratização da demanda para a democratização da oferta e portanto das oportunidades para trabalhar, produzir e aprender, do realismo fiscal como garantia de obediência a ortodoxias postíças ao realismo fiscal como condição de rebeldia nacional, da política manejada apenas como partilha de recursos escassos à política entendida e praticada também como construção institucional e do hábito de cooptar os brasileiros ao esforço para empoderá-los — foi esse o debate que faltou na eleição.

4. Alô, companheiros de elite

RICARDO SEMLER, autor de "Virando a própria mesa".

Na Fiesp, quando eu tinha 27 anos e era vice do Mario Amato, convidávamos outsiders para uma conversa no bar. Chamei o FHC, que estava na mídia com a pecha de maconheiro. Chamamos os 112 presidentes de sindicato, vieram 8. Ninguém topava falar com "comunista". Alguns anos depois, fui ao Roda Viva para alertar contra a eleição do Collor, queridinho passional das elites.

Recentemente, realcei que a ida das elites à Paulista para derrubar a Dilma equivalia a "eleger" o Temer e seus 40 amigos. Ninguém da elite quis ir às ruas para pedir antecipação de eleições. Erraram feio, como no passado, ou como quando deram as chaves da cidade ao Doria. Quanta ingenuidade.

Agora, estremeço ao ouvir amigos, sócios e metade da família aceitando a tese de que qualquer coisa é melhor do que o PT. Lá vamos nós, de novo. As elites avisaram que 800 mil empresários iriam para o aeroporto assim que Lula ganhasse. Em seguida, alguns dos principais empresários viraram conselheiros próximos do homem.

Sabemos que, em vencendo Haddad, boa parte da Faria Lima e da Globo se recordará subitamente que foi amiga de infância do Fernandinho --"tão boa pessoa, nada a ver com o Genoino, gente!".

A reação de medo e horror da esquerda, Ciro incluso, é ignorante. Vivemos, nós da elite, atrás de muros, cercados de arames farpados e vidros blindados, contratando os bonzinhos das comunidades para nos proteger contra favelados. Oras, trocar vigias com pistolas por seguranças com fuzis é um avanço? Ou é melhor aceitar que o país é profundamente injusto e um lugar vergonhoso para mostrarmos para amigos estrangeiros?

Vamos continuar na linha do projeto Marginal, plantando ipês lindos para desviar a atenção do rio?

Não compartilho com os pressupostos ideológicos do PT e —até pouco— fui filiado a um partido só, o PSDB. Nunca pensei em me filiar ao PT, nunca aceitaria envolvimento num Conselho de Empresários, por exemplo.

Apenas reconheço que as elites deste país sempre foram atrasadas, desde antes da ditadura, e nada fizeram de estrutural para evitar o sistema de castas que se instalou.

Nenhum de nós sabe o que é comprar na C&A e ser seguido por um segurança para ver se estamos para roubar, por sermos de outra cor de pele. Todos nós nos anestesiámos contra os barracos que passamos a caminho de GRU, com destino à Champs Élysées.

Este é um país que precisa de governo para quem tem pouco, a quase totalidade dos cidadãos. Nós da elite, aliás, sabemos nos defender. Depois do susto, o dólar cai, a Bolsa sobe, e voltamos a crescer. Estou começando três negócios novos neste mês.

Qual de nós quer pertencer ao clube dos países execrados, como Filipinas, Turquia, Venezuela? É um clube subdesenvolvido que foi criado à força, mas democraticamente, bradando segurança e autoridade forte. Soa familiar?

Quem terá coragem, num almoço da City de Londres, de defender a eleição de um capitão simplório, um vice general, um economista fraco e sedento de poder, e novos diretores de colégio militares, com perseguição de gays, submissão de mulheres e distribuição de fuzis à la Duterte?

Lembrem-se desta frase do Duterte, a respeito de uma australiana violentada nas Filipinas: "Ela era tão bonita —eu deveria ter sido o primeiro". Impossível imaginar o Bolsonaro dizendo isso?

Colegas de elite, acordem. Não se vota com bÍlis. O PT errou sem parar nos 12 anos, mas talvez queria e possa mostrar, num segundo ciclo, que ainda é melhor do que o Centrão megacorrupto ou uma ditadura autoritária. Foi assim que a Europa inteira se tornou civilizada. Precisamos de tempo, como nação, para espantar a ignorância e aprendermos a ser estáveis. Não vamos deixar o pavor instruir nossas escolhas. O Brasil é maior do que isto, e as elites podem ficar, também. Confiem.

Ricardo Semler

5.Balanco e Perspectivas Eleições

Breno Altman

<https://www.youtube.com/watch?v=NFNokuKDQ-I>

6.Analistas O GLOBO – M.Pereira /B.Mello Franco

<https://oglobo.globo.com/brasil/jornalistas-do-globo-analisam-segundo-turno-entre-jair-bolsonaro-fernando-haddad-23138827>

7.Matias Spektor

Onde erramos? 30 anos de Nova República

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/matiasspektor/>

Experiência mostra que grandes avanços, como a Ficha Limpa, têm o selo da mobilização popular

8.Luiz Nassif – CGN

blob:<https://www.dailymotion.com/45851de9-fdfe-4582-9508-7bba7b7c620d>

9.Carta aberta de Manuel Castells aos intelectuais do mundo

Publicado em: outubro 8, 2018



“Em uma situação assim, nenhum intelectual, nenhum democrata, nenhuma pessoa responsável do mundo em que vivemos, pode ficar indiferente”. (Foto: Ramiro Furquim/Sul21)

Manuels Castells (*)

Amigos intelectuais comprometidos com a democracia:

O Brasil está em perigo. E, com o Brasil, o mundo. Porque, depois da Eleição de Trump, a tomada do poder por um governo neofascista na Itália e da ascensão do neonazismo na Europa, o Brasil pode eleger presidente um fascista, defensor da ditadura militar, misógino, sexista, racista e xenófobo, que obteve 46% dos votos válidos no primeiro turno da eleição presidencial. Pouco importa quem seja seu oponente. Fernando Haddad é a única alternativa possível. É um acadêmico respeitável e moderado, candidato pelo PT, um partido hoje em dia desprestigiado por ter se envolvido no processo de corrupção generalizado do sistema político brasileiro. Mas a questão não é o PT, mas sim uma presidência de um Bolsonaro capaz de dizer a uma deputada, em público, que ela “não merece ser estuprada”. Ou que o problema da ditadura não foi a tortura, mas sim que não tivesse matado mais ao invés de torturar.

Em uma situação assim, nenhum intelectual, nenhum democrata, nenhuma pessoa responsável do mundo em que vivemos, pode ficar indiferente. Eu não represento ninguém além de mim mesmo. Nem apoio nenhum partido. Acredito, simplesmente, que se trata de um caso de defesa da humanidade. Se o Brasil, o país decisivo da América Latina, cair em mãos deste desprezível e perigoso personagem, e dos poderes fáticos que o apóiam, os irmãos Koch entre outros, nos precipitaremos ainda mais fundo na desintegração da ordem moral e social do planeta, a qual estamos assistindo hoje.

Por isso, escrevo a todos vocês, aos que conheço e aos que gostaria de conhecer. Não para que subscrevam essa carta como se fosse um manifesto de políticos, mas sim para pedir-lhes que tornem pública, em termos pessoais, sua petição para uma ativa participação no segundo turno das eleições presidenciais, dia 28 de outubro, e nosso apoio a um voto contra Bolsonaro, argumentando

segundo o que cada um pensa e difundindo sua carta por meio de seus canais pessoais, redes sociais, meios de comunicação, contatos políticos, qualquer formato que difunda nossos protestos contra a eleição do fascismo no Brasil. Muitos de nós temos contatos no Brasil, ou temos contatos que têm contatos. Contate-os. Um what's é suficiente, ou uma chamada telefônica pessoal. Não vai nos fazer um falta uma #. Somos pessoas, milhares, milhões potencialmente falando, no mundo e no Brasil. Ao longo de nossa vida, adquirimos com nossa luta e integridade uma certa autoridade moral. É hora de utilizá-la neste momento antes que seja muito tarde.

Eu farei isso, já estou fazendo. E rogo, simplesmente, que cada uma e cada um faça o que possa.

() Doutor em sociologia pela Universidade de Paris, é professor nas áreas de sociologia, comunicação e planejamento urbano e regional e pesquisador dos efeitos da informação sobre a economia, a cultura e a sociedade.*

10. Um duro revés para o PT, por Aldo Fornazieri

seg, 08/10/2018 - 07:26



O resultado das eleições gerais representaram um duro revés para as esquerdas em geral e para o PT em particular. No Sul e no Sudeste houve uma devastação do PT: em nenhum lugar o partido disputa o segundo turno para governos estaduais e apenas salvou a reeleição de Paulo Paim num distante segundo lugar. Até mesmo o aliado histórico do partido, Roberto Requião, foi derrotado. Lindbergh Faria não se reelegeu no Rio e Suplicy e Dilma ficaram longe de vencerem. O resultado obtido por Márcia Tiburi ao governo do Rio foi bisonho e o do Luiz Marinho em São Paulo foi sofrível. No Rio Grande do Sul, o candidato do PT ficou de fora do segundo turno e o governador Pimentel, em Minas Gerais, amargou um terceiro lugar. O PT se salvou apenas no Nordeste. Comparando os resultados obtidos por Jair Bolsonaro e Fernando Haddad também se revela

uma derrota amarga para o PT e para as esquerdas. Guilherme Boulos ficou longe de ter uma votação significativa. O Brasil se inclina à direita.

Nos casos das candidaturas ao Senado e aos governos estaduais do PT ocorreram más escolhas em alguns casos, e erros de condução de campanhas em outros. Não há espaço aqui para discuti-los. No caso das eleições presidenciais ocorreram vários erros, alguns pregressos à campanha e outros na condução da mesma. Dentre os vários erros, destacam-se dois.

O primeiro diz respeito ao fato de que o PT nunca se reconciliou com a sociedade brasileira. Conseguiu apenas se reconciliar com seus eleitores. O partido teve inúmeras oportunidades de reconhecer seus erros, tanto no que diz respeito à corrupção, quanto no que diz respeito à condução do governo Dilma, mas nunca o fez, nunca pediu perdão para que pudesse restabelecer um novo início, virar a página do passado. Confrontado várias vezes durante a campanha acerca desse problema, Haddad não tinha o que responder. Foi evidente o seu constrangimento, o que pesa negativamente. Assim, sem nenhuma resposta para os erros cometidos, permitiu-se que o antipetismo continue correndo solto, disseminado pelos inimigos, pelos adversários e pela grande mídia.

O segundo erro pré-campanha diz respeito à forma como o PT se conduziu acerca da questão da condenação e da prisão de Lula e da interdição de sua candidatura. O partido apostou quase que exclusivamente na via judicial, negando-se a mobilizar os movimentos sociais. Sabia-se de antemão que a via judicial conduziria a uma derrota certa. Mas o partido se negou a buscar forças e a promover pressões com mobilizações de rua. Mostrou-se fraco, não gerou confiança e as suas lideranças se mostraram inseguras, incapazes de dar rumo e direção aos ativistas e aos eleitores.

Já no contexto da campanha, os erros da direção do PT se reforçaram. Um deles consistiu em não definir o candidato a vice-presidente já em maio ou junho. Essa decisão era necessária para construir a personalidade política do substituto de Lula e também para torná-lo mais conhecido nacionalmente. Como a indicação de Haddad para vice e, depois, para substituto, só ocorreu na antevéspera das eleições é evidente que isto limitaria a transferência de voto e também impediria que o candidato reforçasse na campanha sua própria condição de líder, as suas qualidades e virtudes.

No rastro desse erro foi cometido outro: se era correto vincular Haddad a Lula no início da campanha, ao longo da mesma era necessário reforçar a condição de líder de Haddad, enfatizando suas qualidades como governante. Na medida em que isto não foi feito, Haddad foi projetado como um líder fraco, subordinado a Lula. O "Haddad é Lula" foi se tornando prejudicial, assim como o slogan "O Brasil Feliz de Novo" foi uma chamada pueril, para uma disputa gremial, em face da natureza da disputa que está posta. O eleitorado quer um líder, um presidente forte, que resolva os seus problemas e que acabe com a desordem institucional, moral e social instalada. Boa parte do eleitorado foi identificar isso em Bolsonaro e viu nele a possibilidade mais efetiva de mudança. A campanha do PT, sempre

entregue a vendedores de sabonete, foi incapaz de perceber isto e foi incapaz de projetar a imagem de Haddad como um líder que vem para resolver os problemas do povo e do país.

Outro grave erro do PT consiste na subestimação do Bolsonaro. Se no início da campanha era razoável duvidar de sua viabilidade, as primeiras semanas já desfizeram esta dúvida. Todos sabem que a campanha de Bolsonaro está assentada nas redes sociais, com forte presença no Whatsapp, e que, nelas, houve a construção da personalidade política de Bolsonaro como um "mito" e que esta construção gerou devotos que não se abalam por nenhuma consideração racional.

A extrema-direita vinha usando esses expedientes em várias campanhas em outros países. Essas campanhas se especializaram em transformar a verdade em mentiras e as mentiras em verdades. Isto faz parte de um conceito de guerra política e de que as campanhas precisam usar táticas de guerra, onde valem a força e fraude. É o que a campanha de Bolsonaro vem fazendo diariamente sobre vários temas. **O PT não preparou uma contra-estratégia para enfrentar essa estratégia e nem preparou uma estratégia para agir de forma ampla nas redes sociais para influenciar eleitores. As análises de rede mostram uma constante vantagem de Bolsonaro sobre Haddad. Os militantes do PT nas redes sociais não agem a partir de conteúdos orientados centralmente, mas, disparam, de forma dispersa, em todas as direções. Isto não é eficaz.**

A direção do PT e as lideranças do partido perderam a dimensão da disputa política, a natureza da disputa pelo poder. Mesmo com as sucessivas derrotas, não desceram das altas tamancas da arrogância. Sem prudência, com escassa coragem, são dominados por um vício que vem cavando a desgraça de líderes, Estados e partidos ao longo dos tempos: se comprazem em serem adulados e recusam ouvir as advertências. Os aduladores, normalmente, adulam por dois motivos: 1) porque se sentem seguros no seu auto-engano na suposta infalibilidade dos líderes e dos partidos; e, 2) os analistas e conselheiros adulam porque são áulicos dos líderes, querem estar perto dos poderosos, principalmente por interesse. Bastou Haddad crescer um pouco que alguns proclamaram a ultrapassagem de Bolsonaro, uma onda vermelha que encheria o Senado e a Câmara de representantes petistas. Esta demagogia faz mal à militância, ao PT e à transformação do Brasil.

Para alguns erros não há o que fazer. Para outros, o tempo é curto e exige competência e coragem. Os pontos a serem enfrentados estão aí: centralizar a campanha nas competências e virtudes de Haddad (e Manuela), mostrando que ele é um líder forte, capaz de enfrentar e resolver os problemas do povo e de unir o Brasil; enfatizar a crença e a fé no Brasil, no seu futuro, no seu desenvolvimento com justiça, conduzido por um presidente forte, justo e humano; criar outro slogan da campanha, compatível com a natureza da disputa e selecionar três ou quatro ideias-força; encontrar uma fórmula eficaz de defender-se dos ataques e das mentiras, de influenciar as redes sociais orientando a ação da militância; defender-se do problema da corrupção, na medida do possível; encontrar uma fórmula eficaz de atacar a estratégia de guerra política assentada na transformação da verdade em mentira e das

mentiras em verdades, repudiando as mentiras e afirmando que o povo não pode eleger um presidente que se sustenta nas mesmas; trabalhar para construir uma ampla frente democrática em defesa da democracia e contra o fascismo.

Aqui é preciso observar que a grande maioria dos eleitores de Bolsonaro não é fascista. O embate democracia versus fascismo pode ter uma maior eficácia relativa na classe média, mas é importante para reforçar a cultura democrática. É preciso fazer uma campanha quente, de mobilização, de rua, de atos, mostrando força, pois o risco de uma derrota é grande. Se o eleitorado de Bolsonaro não é fascista, o seu entorno é fascistoide, violento e incontrolável. Isto poderá mergulhar o Brasil no abismo da violência política generalizada e aprofundar a sua tragédia social.

Aldo Fornazieri - Professor da Escola de Sociologia e Política (FESPSP).



11. Nas entrelinhas: O xadrez do segundo turno

Publicado em 08/10/2018 - 08:12 Luiz Carlos Azedo - <http://blogs.correiobraziliense.com.br/azedo/nas-entrelinhas-o-xadrez-do-segundo-turno/>

“O primeiro turno, se examinarmos as eleições de governadores, senadores e deputados, mostra uma realidade política mais complexa do que o antagonismo radical entre Bolsonaro e Haddad”

Confirmando as expectativas, teremos segundo turno nas eleições para presidente da República, entre Jair Bolsonaro (PSL), que larga na frente, com cerca de 46, 3% dos votos, e Fernando Haddad (PT), com 29, 2%, aproximadamente. A onda Ciro Gomes (PDT), que teve em torno de 12,5% dos votos, esperança do movimento a favor do voto útil, não se confirmou. Geraldo

Alckmin (PSDB) teve pouco mais de 4,8% dos votos e Marina Silva (Rede), completamente desidratada, apenas 1% dos votos — atrás de João Amoedo (Novo), com 2,5%; Cabo Daciolo (Patriotas), 1,2%; e Henrique Meirelles, 1,2%.

O realinhamento de forças políticas será importante no segundo turno. Parcela considerável do eleitorado, porém, se deslocará antecipadamente, o que deverá fazer com que Bolsonaro comece o segundo turno com mais de 50% dos votos válidos nas pesquisas. É uma conta simples de ser feita: a maioria dos votos de Amoedo, Daciolo e Meirelles, que somam em torno de 5%, tende a se transferir para o candidato do PSL, que precisaria de mais 4% dos votos válidos para vencer o pleito; Haddad, em contrapartida, mesmo com a maioria dos votos de Ciro e Marina, que somam 13,5%, alcançaria no máximo 42% dos votos. Ou seja, por gravidade, Bolsonaro derrotaria Haddad no segundo turno.

Entretanto, como já se viu várias vezes, teremos uma nova eleição. Haverá debate político entre os dois candidatos, que continuarão se digladiando no horário eleitoral gratuito e nas redes sociais. Bolsonaro, desta vez, terá paridade de meios para a propaganda no rádio e na tevê. A rigor, não precisará de um grande esforço em direção ao centro para vencer as eleições, porque já capturou uma parte desse eleitorado. Seu discurso politicamente incorreto, que aparentemente é seu ponto fraco, não foi empecilho ao seu desempenho no primeiro turno; porém, pode levá-lo a perder os votos transferidos por gravidade.

A situação de Haddad é mais complexa. Chegou ao segundo turno graças ao carisma de Lula, que abduziu sua identidade, mas isso lhe trouxe também a grande rejeição antipetista. O discurso de quem põe a soberania nacional e a soberania popular acima de tudo é envelhecido, passa a ideia de dubiedade quanto ao compromisso com as instituições democráticas e uma visão nacional desenvolvimentista ultrapassada, que dificulta suas alianças. A sua soberba também pode pôr tudo a perder, porque precisa conquistar mais de 21% dos votos válidos para ganhar as eleições. Os votos da esquerda não chegam a tanto. Os 4,8% que ficaram até o fim com Geraldo Alckmin, por exemplo, podem fazer a diferença.

Num artigo intitulado “Ao vencedor, as batatas”, publicado ontem no jornal O Estado de São Paulo, o cientista político Luiz Werneck Viana adverte: “O artifício de negar a identidade ao centro político, de existência comprovada empiricamente em nossa sociedade há décadas, não tem como resistir ao império dos fatos. A iminência de um segundo turno eleitoral nos devolve, em clima de pânico, com o tempo fugindo das mãos, a busca pelo centro perdido. Sem ele, como vencer as eleições, pior, como governar? Com Haddad teremos o indulto de Lula e a convocação de uma Assembleia Constituinte? Faltaria combinar com os russos, que, aliás, são muitos. Que economia nos espera com Bolsonaro, a do Pinochet, neoliberalismo com fuzis?”

Governadores

“O centro político, banido do salão, volta com força por todas as janelas”, ironiza Werneck. Na verdade, quem quiser vencer o segundo turno terá que encontrar uma linha de ação compatível com o novo Congresso, já eleito e mais conservador (destaque para o strike ocorrido no Senado), e com os governadores já eleitos ou que disputam o segundo turno. Há um jogo a ser jogado nas disputas regionais: São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Brasília, Santa

Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Roraima, Rondônia, Amapá, Amazonas, Pará, Rio Grande do Norte e Sergipe terão segundo turno para escolher seus governadores. É um campeonato de xadrez político que Bolsonaro e Haddad terão de jogar, pois são essas alianças que podem mudar a deriva natural dos eleitores.

A radicalização política esquerda versus direita continuará a dividir o país, mas será mitigada pelas alianças ao centro. Vencerá quem compreender a necessidade de construir uma ampla maioria em torno de um projeto exequível para o país, nos marcos das instituições democráticas. Quem insistir na lógica da confrontação, num processo de desestabilização da democracia, se arrisca a perder as eleições, porque há uma forte consciência democrática na maioria da sociedade. O resultado das urnas no primeiro turno, se examinarmos as eleições de governadores, senadores e deputados, mostra uma realidade política mais complexa do que o antagonismo radical entre Bolsonaro e Haddad.

12. Ao vencedor, as batatas

Nós, os perdedores nessa disputa eleitoral, não poderemos abdicar de feroz autocrítica

Luiz Werneck Vianna, sociólogo

07 Outubro 2018 | <https://opinio.estado.com.br/noticias/geral/ao-vencedor-as-batatas,70002535997>

Um canal de TV de larga audiência transmite a sessão de abertura da Assembleia-Geral da ONU. Como é da tradição, cabe ao chefe de Estado do Brasil, o sr. Michel Temer, abrir os debates. O presidente Temer realiza seu pronunciamento com palavras ponderadas, desenvolvendo o tema da importância daquela organização para a paz e a cooperação solidária entre os povos, tal como tem sido a posição brasileira nas relações internacionais, que ele ali, mais uma vez, reafirmava, honrando os valores e princípios da nossa Carta constitucional e das nossas melhores tradições. O terceiro orador, o sr. Donald Trump, presidente da República dos Estados Unidos, um dos países fundadores da ONU, há décadas um dos principais protagonistas da cena mundial, em nome de um princípio de sua lavra, America first, confronta com um nacionalismo primitivo o espírito que animava aquela assembleia e que nos vem de duas grandes revoluções do século 19, a americana e a francesa, com que

se abre a modernidade e aprendemos com Kant a manter viva a utopia realista da paz perpétua.

Volte-se ao canal televisivo e a palavra passa a seu comentarista político, jornalista de meia idade, com os cabelos encanecidos, que desqualifica sem mais o oportuno e feliz pronunciamento do presidente Temer, passando ao largo do patético discurso de Trump, merecedor do justo sarcasmo com que foi recebido por sua audiência. Cenas como essas falam mais que mil palavras, estava ali a revelação da estupidez política que nos trouxe ao miserável cenário da sucessão presidencial, que ora somos obrigados a purgar.

Lamenta-se, agora, a sorte nessas horas aziagas do nosso encontro com que as urnas nos esperam. Impreca-se contra o destino que nos teria roubado o futuro, posto em mãos desastradas de estrangeiros que não conhecem nem respeitam nossa História e seus feitos. O destino é inocente, fomos nós que criamos passo a passo a armadilha, salvo milagres - creio, embora seja absurdo -, que não temos mais como evitar. Fomos nós os autores da lenda urbana de que a corrupção estaria na raiz dos nossos males, criminalizando a política e os políticos com a arrogância de messiânicos refratários à avaliação das consequências dos seus atos, a proclamarem fiat iustitia, pereat Mundus.

O centro político, lugar estratégico em que se operou a bem-sucedida modernização burguesa do País, tornou-se um espaço vazio, recusando-se ao governo Temer, com sua história de dirigente do MDB, um clássico partido do centro, com sua natural inscrição nesse lugar reconhecida, em duas consecutivas eleições presidenciais, pelo PT - partido identificado como de esquerda pela crônica política, carimbo, aliás, recusado por seu principal dirigente -, que com ele se coligou, confiando-lhe a Vice-Presidência da República. Pranteia-se agora, com lágrimas de crocodilo, a má e imerecida sorte

do finado centro político, que ora comparece às urnas, tudo indica, sem uma candidatura competitiva.

Contudo, o que é é. O artifício de negar a identidade ao centro político, de existência comprovada empiricamente em nossa sociedade há décadas, não tem como resistir ao império dos fatos. A iminência de um segundo turno eleitoral nos devolve, em clima de pânico, com o tempo fugindo das mãos, a busca pelo centro perdido. Sem ele como vencer as eleições, pior, como governar? Com Haddad teremos o indulto de Lula e a convocação de uma Assembleia Constituinte? Faltaria combinar com os russos, que, aliás, são muitos. Que economia nos espera com Bolsonaro, a do Pinochet, neoliberalismo com fuzis?

Como o gênio militar de Napoleão advertia, quando avaliava mapas de campanha, se o natural fosse arbitrariamente desconsiderado num plano, ele voltaria em galope. Nem sempre, pode-se acrescentar, em manobras afortunadas, difícilimas para os candidatos que devem disputar o segundo turno desprovidos como estão, contando apenas com seus preconceitos, de projetos de governo bem definidos. Tem-se pela frente um quadro de turbulência até que o novo governo consiga encontrar uma linha de ação compatível com o novo Congresso e com os novos governadores que nascerão das urnas. Na prática, essa incomum situação significa a abertura de um terceiro turno eleitoral, de tramitação exclusiva nos bastidores, quando só então serão conhecidos os rumos do novo governo.

O centro político, banido do salão, volta com força por todas as janelas. Tanto barulho por nada, retornamos ao ponto de partida, salvo se os estrategistas de plantão dos dois lados do tabuleiro já tenham decidido, no caso de vitória, levar a cabo o que ruminaram ao longo dessa paupérrima campanha eleitoral. O desenlace infeliz dessa imprudência, se vier, não deve tardar, e mente quem nega a força das nossas instituições, provada em tantos outros momentos

críticos da nossa história recente. Os 30 anos da Carta de 88, a mais longeva da República, não foram em vão, a sociedade saberá preservá-la das sanhas dos cavaleiros da fortuna, ela já conhece o que perderá sem ela.

Mente igualmente quem se recusa a admitir a possibilidade de a nossa democracia estar sob risco, pois está, aqui e alhures. Sem triunfalismo, joga-se, nesta sucessão presidencial brasileira bem mais do que nossos negócios internos. Nossa presença no mundo importa para a paz, em particular para nuestra America. Nós, os perdedores nessa disputa eleitoral, não poderemos abdicar de uma feroz autocrítica, uma vez que não havia nada de inevitável nessa derrota que reconhecemos. Somos mais necessários que nunca, e fizemos nascer uma nova esquerda capaz de se articular com o liberalismo político, cuja missão desde agora é nos devolver aos eixos que nos são naturais.

Pelo andar da carruagem, pode-se prever que isso não deve demorar muito. Por fim, glória a Deus, há os milagres.

*LUIZ WERNECK VIANNA É SOCIÓLOGO, PUC-RIO

13.Hora de voto

Mais do que nunca é preciso insistir em nossos valores, na democracia

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República

07 Outubro 2018 | <https://opinio.estado.com.br/noticias/geral.hora-de-voto.70002535994>

A fragmentação partidária, os sentimentos exaltados e o personalismo triunfante não respondem às necessidades do povo e do País. Na vida política não basta ter ou imaginar que se tem razão, é preciso que a mensagem seja sentida pelas pessoas e que elas escutem e queiram avançar na direção proposta. Até agora o caminho das reformas e do equilíbrio não parece ser o preferido pela maioria.

O eleitorado decidirá hoje os adversários que se enfrentarão no segundo turno. Ainda é tempo de parar a marcha da insensatez. Uma coisa é certa: o eleito ao final de outubro terá de obedecer à Constituição e tanto os que nele votaram como os que a ele se opuseram terão de respeitar o resultado das urnas.

O que está em jogo não é o partido tal ou qual, nem se o candidato é bom ou mau ser humano. Mas, sim, o que pretende e poderá fazer. Terá capacidade de juntar pessoas e forças políticas para governar? Dará rumo à Nação? Concorde com o que ele propõe e avalie que será capaz de fazê-lo? Para responder é preciso analisar o quadro político, social e econômico em que o novo presidente vai operar. Não se trata de escolher o candidato apenas por seus atributos pessoais nem pelo que dizem os partidos (os quais em geral silenciam sobre os verdadeiros problemas), mas, principalmente, pelo que o candidato já fez e por sua capacidade política.

Depois de 2013 os governos do PT levaram a economia à recessão. Como disse na carta que escrevi recentemente aos eleitores, há problemas gritantes no País, a desorganização das finanças públicas e o desemprego são sinais deles. A rigidez dos privilégios burocráticos dificulta cortar os gastos com o funcionalismo. As desigualdades gritantes da Previdência, em especial entre alguns servidores públicos e trabalhadores do setor privado, criam castas de beneficiários, muitos dos quais se aposentam cedo com proventos muito acima do que seria justo receberem.

Diante dessas e de outras despesas obrigatórias, o governo federal acumulou nos últimos cinco anos déficits de R\$ 540 bilhões. O que havia sido um superávit de cerca de 3% do PIB desde 1999, algo maquiado a partir do segundo governo Lula, se tornou um déficit de mais de 2% do PIB a partir de 2015, graças ao descalabro fiscal e ao desastre econômico produzido pelo governo Dilma. Acrescidos das despesas com juros, a sequência de déficits primários fez a

dívida pública do governo federal se aproximar de R\$ 4 trilhões e a do Estado brasileiro em seu conjunto superar os R\$ 5 trilhões este ano. A dívida total, já perto de 80% do PIB, continua a subir, a despeito da queda da taxa básica de juros nos dois últimos anos. No ritmo de crescimento que a dívida vem apresentando - ela se situava pouco acima de 50% do PIB em 2011 -, chegará um momento em que só com inflação alta, que corrói o valor real da despesa do governo, o Estado brasileiro poderá financiar-se. O roteiro desse filme todos os que têm mais de 50 anos conhecem muito bem. E ele termina mal, com o empobrecimento do País e, sobretudo, das pessoas socialmente mais vulneráveis. Voltaríamos assim a um passado tenebroso, sobretudo para os mais pobres.

O agravamento da crise seria dramático para uma sociedade desigual e fragilizada por cinco anos de recessão seguida de recuperação econômica anêmica. O desemprego atinge entre 12% e 13% da população ativa, cerca de 13 milhões de pessoas. Sem falar nos que estão ocupados, mas sem carteira de trabalho, cerca de 38 milhões, e afora os chamados “desalentados”, que desistiram de procurar emprego. A soma ultrapassa os 60 milhões de adultos que estão ou correm o risco de cair na pobreza ou na extrema pobreza.

Ao desemprego somam-se o medo da violência crescente, em alguns casos da própria polícia, e a expansão do crime organizado. A sensação de desordem, a insegurança e a agonia do desemprego são a realidade cotidiana de dezenas de milhões de pessoas. Para muitas não resta opção que não seja aderir ou acomodar-se ao crime organizado, ou encontrar consolo espiritual e solidariedade nas igrejas.

Como falar de “democracia” nestas circunstâncias, se falta o pão e a segurança é precária? Por trás está um sistema político regado a corrupção e uma cultura de permissão e leniência com quem atua, no andar de cima, à margem das leis.

O povo vê nos partidos e nos candidatos mais ligados a eles os responsáveis por tudo isso. Procuradores e juízes, frequentemente com razão, mas não raro sem o zelo e o equilíbrio que se espera dos profissionais do Direito, reforçam a sensação de que toda a política é suja e nenhum político escapa à podridão.

Quase todos os candidatos, especialmente os que aparecem à frente, nem sequer abordam com seriedade os problemas reais que estão por trás do mal-estar das pessoas. Estas, no desespero, agarram-se a aparentes soluções polares, mais por identificação simbólica que por adesão racional. Sentem medo, quando não horror, da volta ao lulopetismo e aderem ao candidato que promete tudo resolver no grito, quando não na bala, ou, no polo oposto, juntam-se em torno da nostalgia de um passado idealizado que, se tentar se repetir, comprometerá gravemente o futuro do País.

Mais do que nunca, é preciso insistir em nossos valores, a democracia entre os principais. Além de valores, quem pede o voto do povo deve ser capaz, no mínimo, de reorganizar as finanças públicas e as pôr a serviço dos maiores interesses da população e do País. É por isso que votarei em Alckmin: ele não apenas diz, mas fez. Basta comparar os resultados das políticas públicas de seus governos, inclusive na segurança e na oferta de serviços de saúde e educação, com a situação dramática de alguns outros Estados e do governo federal. Entre os principais candidatos é quem pode juntar forças para dar rumo novo ao governo.

É preciso parar a marcha da insensatez. Ainda há tempo. A hora é agora.

14. EPOPEIA DEMOCRÁTICA

André Singer – FSP 06 outubro

A elevação das intenções de voto em Jair Bolsonaro (PSL) nesta semana criou um compreensível sobressalto nos círculos democráticos do país. Uma vitória sua no primeiro turno neste domingo (7) poderia representar um tiro nas liberdades civis.

Tendo passado de 28% para 35%, segundo o Datafolha, o capitão reformado ganhou chances de tornar-se presidente já —embora não pareça, no momento em que escrevo, o mais plausível. O extremista de direita teria que obter, em dois dias, uma vez e meia o que conquistou em uma semana.

Da mesma maneira que as manifestações do #elenão, de sábado passado (29), podem ter ocasionado uma reação conservadora que explica, em parte, os ganhos atuais de sua candidatura, agora está em curso uma corrente voltada para lhe tirar apoios, reforçar outras postulações e desestimular a opção pelo branco e nulo.

Quanto maior o número de votos válidos, menor a chance de a parada se resolver de imediato. Apenas a segunda volta deverá revelar de que lado está a maioria absoluta dos eleitores (excluídas abstenções, brancos e nulos).

Confirmado o prognóstico acima, podem-se prever três semanas de intensa divisão social.

A recente subida de Bolsonaro colocou-o em situação de virtual empate com Fernando Haddad (PT), o seu oponente provável, quando a pergunta se refere à escolha final. Lulismo e antilulismo, protagonistas dos grandes embates desde junho de 2013, vão se defrontar em situação de equilíbrio.

O vaivém das sondagens de opinião nos últimos dias mostra que, apesar dos prognósticos em contrário, a democracia brasileira continua viva.

Machucada por atos arbitrários, como o do juiz Sergio Moro ao novamente divulgar excertos de uma delação politicamente explosiva às vésperas de um pleito, como já havia feito em 2014, mas ainda respirando.

No final dos anos 1980, quando o Brasil se preparava para a primeira eleição presidencial direta em quase três décadas, circulou por aqui um artigo preciso do cientista político Adam Przeworski. Nele, o polonês radicado nos EUA afirmava que a mola propulsora da democracia era a incerteza. Se fosse possível prever com segurança os resultados eleitorais, o sistema não funcionaria.

O problema é que, desta feita, o que está em questão não é apenas a próxima Presidência, mas a própria continuidade da democracia.

As incessantes denúncias de corrupção da Lava Jato, o fracasso do plano econômico do governo Temer e um ambiente internacional de corte fascista deram musculatura a propostas liberticidas, que chegam fortes à etapa conclusiva do processo.

Salvar o Estado democrático de Direito vai transformar o segundo turno numa verdadeira epopeia nacional.

André Singer - Professor de ciência política da USP, ex-secretário de Imprensa da Presidência (2003-2007). É autor de “O Lulismo em Crise”

15.O vendaval conservador

8 de outubro de 2018 [Marco Aurélio Nogueira](https://marcoanogueira.pro/o-vendaval-conservador/) - <https://marcoanogueira.pro/o-vendaval-conservador/>

A essa altura, a constatação já foi feita por todos os observadores. Resta agora buscar as razões, entender as determinações.

Independente do que vier a acontecer no segundo turno, o Brasil infltiu para a direita nas eleições de 2018. Não necessariamente para a extrema-direita, mas seguramente para um polo hostil à esquerda e problematizador da democracia política tal como a temos construído desde o final dos anos 1980.

Foi um vendaval, que varreu o País de cima a baixo, desidratou o centro e empurrou o PT para seu nicho mais tradicional, o Nordeste, onde se manteve firme e forte, mas numa dimensão incômoda para um partido que se quer de esquerda. O eleitor petista da região não é ideológico, não é de esquerda nem tipicamente “democrático e racional”: orienta-se pelos hábitos do coração, pelo agradecimento, eventualmente pelo pragmatismo e pela defesa dos próprios interesses e fantasias. Lula é seu farol, não o PT. O resto do apoio vem por força da ação dos políticos tradicionais, dos grandes caciques e das famílias poderosas, com suas coligações.

A dimensão do “agradecimento” não qualifica uma postulação de esquerda, já que incentiva uma postura de “assistencialismo”. Mas não é verdade que o nordestino é pura paixão e o resto é razão. Como poderia haver “razão democrática”, por exemplo, em um estado como São Paulo, que elege uma bancada de deputados federais liderada por gente que não se posiciona democraticamente? Ou no voto raivoso que impulsionou Bolsonaro no Sul e Sudeste do País? O voto com raiva é uma estupidez, e com certeza é ainda mais primário do que o voto por agradecimento. A raiva tensiona e empobrece a democracia, ao passo que o agradecimento pode ser a base de uma postura dialógica.

O avanço do conservadorismo, mais à direita ou menos, foi expressivo não somente na disputa presidencial. Desenhou-se um novo Congresso, os alinhamentos nos estados foram alterados, inúmeros parlamentares tradicionais

sofreram derrotas acachapantes, de Eunício de Oliveira e Romero Jucá a Dilma Rousseff e Eduardo Suplicy, sem falar em Cristovam Buarque e Roberto Requião. É como se um novo tempo estivesse sendo inaugurado. Teremos de esperar um pouco para ver se será isso mesmo.

Bolsonaro foi impulsionado por um tipo de conservadorismo curioso: parte de seus votos veio de pessoas interessadas em “mudar o que está aí”. Houve votos ideológicos, de extrema-direita, fanatizados, evidentemente, mas não há como saber em que proporção. O grosso não foram votos “fascistas”. Parcela da votação obtida foi composta por pessoas que optaram por viver o paradoxo de mudar para experimentar uma conservação, que buscaram um tipo de “proteção” que deixou de ser oferecida nos últimos tempos: proteção contra a violência, contra a má qualidade dos serviços públicos, contra a indiferença governamental e os excessos das “narrativas”, contra a insegurança, contra o desemprego. O antipetismo foi o ingrediente que “racionalizou” o veto a práticas governamentais tidas como avessas ao bom governo, a repulsa ao descaso dos políticos e dos partidos.

Tratou-se de um conservadorismo de fundo moral, voltado para os costumes, tanto os que florescem na base da vida social (família, gênero, religiosidade, cultura) quanto os que se reproduzem no plano estatal, de onde se espalham pela sociedade. Ele se voltou, também, contra a prevalência e a retórica das pautas identitárias, vistas como produtoras de divisões e fraturas sociais.

A pregação bolsonariana valeu-se da efervescência de certas vertentes que agitaram os rios subterrâneos da sociedade. Soube perceber o efeito político-eleitoral delas e as manipulou com eficácia.

A repulsa aos políticos e ao modo usual de se fazer política foi a primeira. Traduziu-se em termos “antipolíticos”: desvalorização dos entendimentos e da negociação, dos debates públicos típicos da democracia, dos jogos parlamentares estendidos no tempo, do respeito às minorias e a seus procedimentos parlamentares.

O desejo de “renovação” foi a segunda vertente. Das práticas políticas e governamentais antes de tudo. Renovação da classe política, vista como amarrada a um universo político pouco “decisionista”, refratário à produção de políticas resolutivas. Renovação dos discursos políticos.

O repúdio à corrupção veio por extensão e em atendimento a uma pregação que contagiou o País nos últimos anos, ao menos desde os primeiros passos da Operação Lava-Jato. Aqui a metralhadora girou freneticamente.

O “antipetismo” foi a vertente que recebeu tratamento mais intenso, com direito a todo tipo de mentiras e manipulações. Foi assim em parte porque o PT esteve exposto na vitrine governamental durante a última década e meia, em parte porque o fracasso do governo Dilma calou fundo e produziu muitos estragos, em parte porque o PT não conseguiu se livrar de suas “narrativas” típicas, não fez qualquer autocrítica e optou por se separar dos ânimos de setores importantes da opinião pública.

A dinâmica da polarização “nós” contra “eles”, ora na versão esquerda vs. direita, ora como oposição democracia vs. autoritarismo, fechou o pacote, capturando eleitores que nenhuma aproximação tinham com o bolsonarismo.

É difícil imaginar que País iniciará o ano de 2019, seja quem for o vencedor do segundo turno.

Mas é fácil perceber o que o vendaval já produziu. O conservadorismo moral ganhou corpo. As redes ocuparam o espaço da TV. Os marqueteiros perderam força. Uma direita (extrema e moderada) adquiriu base popular, de massas, esgrimindo um discurso que, se conseguir ser mais bem elaborada, irá organizar todo um novo campo. As grandes organizações partidárias (PT, PSDB, MDB) atingiram o fundo do poço e não se sabe como e se voltarão à superfície. Uma nova classe política encontra-se em plena gestação.

O novo governo federal terá de conviver com uma sociedade em crispação e com um Congresso fragmentado como nunca antes nesse País.

O sistema político mostra-se esgotado, trocando de pele e de cultura.

Vença Bolsonaro ou vença Haddad, a situação não deverá ser fácil nem tranquila.

16. A oportunidade de Haddad corrigir os erros do PT, por Paulo Endo

PSICANALISTAS PELA DEMOCRACIA - SEG, 08/10/2018 - 16:46

Foto: Ricardo Stuckert

do Psicanalistas pela Democracia

Última oportunidade de Haddad corrigir os erros maiores de seu partido e construir um amplo governo de coalizão anti nazifascismo

<https://jornalggn.com.br/noticia/a-oportunidade-de-haddad-corrigir-os-erros-do-pt-por-paulo-endo>

por Paulo Endo*

Não há a menor possibilidade de levantar a bandeira isolada ou mesmo preponderante do PT no segundo turno. O trabalho de Haddad deve ser o de montar, de forma realmente sincera, um governo de coalizão não apenas com as forças de esquerda pelas quais já se nutre proximidade programática e simpatias mútuas, mas procurar ativamente aproximar setores como Rede e parte do PSDB antibolsonarista para evitar a vitória iminente do nazi fascismo no Brasil. Não é apenas a cara de Haddad que deve prevalecer nas mídias, mas de todos os que apoiarem a luta contra o retrocesso evidenciando uma posição de conjunto.

Se conseguirem passar a imagem de que o próximo governo não será apenas do PT, mas de todos os que estiverem em coalizão, como uma frente ampla e inédita contra os retrocessos do governo golpista e capaz de obstaculizar a escalada do nazifascismo no país, as possibilidades são amplas e muito exequíveis no segundo turno.

Tal aliança, se houver, motivará muitos, de diferentes espectros, a arregaçarem as mangas para que esse novo governo seja eleito. Um governo realmente popular e diverso, demonstrando a todos que a curta experiência democrática brasileira conseguiu engendrar políticos capazes de defender a democracia a todo custo, apesar de tudo e para além dos próprios interesses.

Só tal aliança seria capaz de conseguir convencer os eleitores que votaram em Bolsonaro porque rejeitam o PT, e não porque conhecem e compreenderam o que significa a candidatura nazifascista no poder, de que as tendências petistas, pedetistas, pessebistas, da Rede, do PCdo B, do PSOL e de partes do PSDB e pouquíssimos, mas significativas figuras do PMDB realmente farão um governo conjunto em nome da maioria da sociedade brasileira e pela democracia que poderá ser, esta sim, apunhalada.

Isso exige que o PT abra mão, desde as primeiras horas da campanha para o segundo turno, de ser o mandante absoluto do governo e, juntamente com outros partidos e candidatos, procure convencer a população disso. Se isso ocorrer o índice de rejeição cairá e será menos difícil convencer o eleitor indeciso, e mesmo aquele que votou em Bolsonaro no primeiro turno como arma contra o PT. A primeira aparição pública de campanha não pode ser apenas uma campanha do PT e do Lula. Ela será decisiva para o eleitor saber se estará votando numa frente ampla ou no PT.

Se isso não ocorrer o PT terá de enfrentar as imensas dificuldades de vencer as eleições no segundo turno e, depois, de enfrentar as enormes resistências que advirão para assumir a presidência no dia 01/01/2019 (ver o artigo de Paulo Endo em artigo anterior publicado no PPD em 02/10/2018).

Não há tempo para hesitação, o tempo é de extremos e mesmo à candidata Marina, deve-se pedir por um ato de grandeza unilateral, que o PT não soube ter quando atuou contra sua candidatura nas eleições de 2014. Tal ato poderá contudo reconquistar a confiança de eleitores de esquerda de Marina que a abandonaram definitivamente, após sua pusilânime atuação nos episódios do impeachment.

Marina que, como única candidata mulher, desferiu a mais eficaz enxovalhada em Bolsonaro na frente de milhões de brasileiros durante debate entre candidatos na Rede TV; Marina que conhece profundamente a realidade dos grotões amazônicos e atuou lado a lado com Chico Mendes pelos povos da floresta. Essa Marina pode vir a compor um governo de coalizão anti nazifascismo, ultrapassando rancores profundos do passado quando o partido dos trabalhadores se comportou de modo suspeito e desrespeitoso contra sua candidatura, recebendo, em troca, o lamentável apoio que ela concedeu ao impeachment de Dilma Roussef.

Precisamos de Marina, de Ciro de setores antibolsonaristas do PSB, do PSDB e mesmo de figuras chave do PMDB e de todos os que nesse momento acreditam na possibilidade concreta de não vivermos mais numa democracia (hoje aos pedaços) num futuro próximo.

É a união contra a calamidade e o caos; é a união para manter vivos os sonhos de um Brasil possível no futuro; é a união possível para todos aqueles que estejam dispostos a colocar os próprios narcisismos de molho em nome da preservação do sistema representativo alquebrado, e das poucas liberdades democráticas que ainda se pode usufruir no Brasil.

Não há outra possibilidade. Hesitar agora em nome de veleidades partidárias e interesses carreiristas é por tudo a perder. A competência de Haddad será demonstrada agora. Seu primeiro teste como estadista começa hoje. Será capaz de unir todas as forças anti nazifascistas e conchamar a todos que lutem agora, nos próximos dias, nas próximas semanas para evitar a queda?

Muitos brasileiros esperam essa sinalização de todos os candidatos para encaminharem seu voto, e os que pretendem trabalhar no segundo turno esperam essa sinalização, para reunirem argumentos suficientes para convencer as pessoas de que o próximo governo será sobretudo pela Democracia e contra o nazi-fascismo, e não pelo PT.

No primeiro turno foi jogada na lata de lixo pelos partidos a possibilidade de uma coalizão que teria grandes chances de diminuir muitíssimo a ascensão do candidato nazifascista. Logo no início da campanha foi cogitada a chapa Ciro-Haddad que sairia certamente vitoriosa no primeiro turno. Cedo foi descartada pelo PT. Dar-se ao luxo de, mais uma vez, jogar fora as condições que hoje permitem que haja partidos, candidatos e sistema parlamentar e representativo será a maior imbecilidade jamais vista e indicará que não há políticos a altura no país para um projeto de Brasil democrático e, doravante, navegaremos por muito tempo à deriva e sem horizontes. 20 anos mais talvez?

Está nas mãos primeiro de Haddad e de seu partido a luta para manter a democracia de pé, ainda que alquebrada, a despeito de setores de seu partido mais preocupados com a sobrevivência e a preservação do PT no poder. Mas também de cada um dos candidatos derrotados no primeiro turno que terão a oportunidade de revelar a importância que conferem ao sonho da construção de um país republicano.

Os partidos a quem foi dado o privilégio de ocuparem os cargos eletivos tem de compreender que amanhã, sua própria existência como partido poderá estar ameaçada. Seguir com o modus operandi dos partidos e seus projetos fracionados e corporativos será mergulhar a pouca chance que temos no lodo das gangues que esperam, ansiosamente, o momento para tomar conta do país.

Muitos votos terão de ser retirados de Bolsonaro. É preciso criar os fatos que contribuirão para isso de modo enfático e um enxame de mulheres e homens devem buscar a conversa política, sem medo, correndo algum risco ante o enorme risco que todos corremos. Argumentar em todos os lugares em que haja alguma possibilidade de mudança é imperativo.

A hora para todos e, para todas (que já entenderam isso muito antes), é agora e o momento é esse.

.

***Paulo Cesar Endo** é psicanalista, pesquisador e professor Livre-Docente da Universidade de São Paulo, pós-graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (FFLCH-Diversitas) e do Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Democracia, Política e Memória do Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP) Instituto de Psicologia (IPUSP).

17. BOLSONARO É O 'ANTISSISTEMA' E HADDAD É A 'ANTIEXPLORAÇÃO', DIZ CIENTISTA POLÍTICO

ANTONIO CARLOS ALMEIDA

[5https://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/371489/Bolsonaro-%C3%A9-o-'antissistema'-e-Haddad-%C3%A9-a-'antiexplora%C3%A7%C3%A3o'-diz-cientista-pol%C3%ADtico.htm](https://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/371489/Bolsonaro-%C3%A9-o-'antissistema'-e-Haddad-%C3%A9-a-'antiexplora%C3%A7%C3%A3o'-diz-cientista-pol%C3%ADtico.htm)

O cientista político Alberto Carlos Almeida afirma que "o segundo turno será uma disputa entre o candidato antissistema e o candidato antiexploração"; ele diz que "política é símbolo" e que "propostas e planos de governo não importam". "O que vale é a visão que o eleitor tem de cada candidato", afirma o cientista político; para Almeida, "Bolsonaro formou em torno de si a imagem do candidato que mudará para melhor tudo o que está aí. Fez questão de mostrar que está decidido, que tem pulso forte para fazer isso"

8 DE OUTUBRO DE 2018 ÀS 08:21 // [INSCREVA-SE NA TV 247](#) 

247 - O cientista político Alberto Carlos Almeida afirma que "o segundo turno será uma disputa entre o candidato antissistema e o candidato antiexploração". Ele diz que "política é símbolo" e que "propostas e planos de governo não importam". "O que vale é a visão que o eleitor tem de cada candidato", afirma o cientista político. Para Almeida, "Bolsonaro formou em torno de si a imagem do candidato que mudará para melhor tudo o que está aí. Fez questão de mostrar que está decidido, que tem pulso forte para fazer isso".

[Em artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo](#), Alberto Carlos Almeida destaca que a imagem que vale para o eleitor tem mais a ver com subjetividades políticas do que com propostas concretas: "ainda que tenha sido deputado por sete mandatos, teve a sua imagem pública absolvida pelo ministro aposentado do Supremo Joaquim Barbosa quanto ao envolvimento com corrupção. Eleitoralmente, isso vale muito mais do que uma proposta detalhada de reforma da Previdência".

E pondera sobre os significados da candidatura progressista: "já Haddad tem em torno de si a imagem do candidato que irá restaurar direitos perdidos pelos trabalhadores, assim como aumentar a capacidade de consumo dos eleitores e o acesso a bens e serviços providos pelo governo e pelas empresas. Para isso, uma imagem com Lula vale mais do que mil palavras de um plano de governo".

18- "Acusaram o PT de imitar a Venezuela, mas é Bolsonaro quem se espelha no processo de lá"

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/08/politica/1539001055_896195.html?id_extern

[o_rsoc=FB CC](#)

Maria Hermínia Tavares, pesquisadora do CEBRAP, diz que Bolsonaro é o risco do chavismo com o sinal inverso. Para ela, Haddad precisa “tirar a camisa vermelha e colocar a branca da conciliação”

FELIPE BETIM - Jornalista | Periodista - El País

Rio de Janeiro [8 OUT 2018 - 19:03 CEST](#)

O primeiro turno das [eleições brasileiras de 2018](#) materializou a indignação de um país farto de seus dirigentes políticos, incapazes de dar resposta ao tema da corrupção e questões cotidianas, como a segurança pública. O resultado não foi apenas a ascensão da extrema direita e de [Jair Bolsonaro](#) (PSL), que foi para o segundo turno dos comícios eleitorais com 46% contra [Fernando Haddad](#) (PT), que ficou com quase 30%, mas também "a implosão de um sistema apoiado na Constituição de 88 desde 1994". A avaliação é de Maria Hermínia Tavares de Almeida, professora titular de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP).

A cientista política se apoia no fato de que o PSL de Bolsonaro [conseguiu a segunda maior bancada da Câmara](#), com mais de 50 deputados, apesar de não possuir estrutura partidária nem dinheiro. Ao mesmo tempo, importantes lideranças, como os senadores Romero Jucá e o Eunício de Oliveira, entre outras, não renovaram seus mandatos, enquanto que novatos na política chegaram ao segundo turno em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

[Trata-se de uma onda conservadora difícil de conter](#), uma vez que, segundo diz, "a racionalidade não é um dique forte" contra ela. Para Haddad, resta percorrer um caminho que passa por deixar seu padrinho político de lado e assumir o papel central. "Tem que deixar de ir para Curitiba, porque isso

o enfraquece enormemente. Um candidato a Presidente da República não pode ser visto como alguém que vai perguntar o que tem de fazer para um líder que está preso". Apesar não conseguir definir exatamente como seria um governo Bolsonaro, ela vislumbra um processo parecido ao que aconteceu na Venezuela de Hugo Chávez e [Nicolás Maduro](#): "O maior risco é um governo civil autoritário com apoio militar. O que está acontecendo no mundo vai nessa direção".

Pergunta. Como chegamos até aqui?

Resposta. É um caminho longo. Começa em 2013 com as enormes manifestações espontâneas para as quais os dois partidos que organizavam a disputa eleitoral, PT e PSDB, foram incapazes de dar uma resposta. Isso passou por 2014, onde a radicalização dos dois grupos aumentou muito. Passou pelo impeachment e pelas manifestações do impeachment. Sempre tivemos uma disputa entre centro esquerda e centro direita. É uma bobagem dizer que o PT é de extrema esquerda. Mas tem um tema que os dois principais partidos não sabem lidar, que é a corrupção.

P. PT, PSDB e o sistema político como um todo se blindaram das ruas. Isso gerou uma raiva ainda maior?

R. Acho que sim. O PT passou esse tempo negando o seu envolvimento com atos importantes, mas o PSDB também. Os dois leram mal o que estava acontecendo na sociedade, que está mais atenta a esse tipo de questão e que foi tratada forma bastante intensa pelos meios de comunicação, e depois, pela candidatura de extrema direita [de Bolsonaro]. A dimensão da corrupção foi muito grande, mas a maneira como foi tratada também criou essa ideia de que é o principal problema do país. Quando não é, né? O país tem coisas muito graves a se resolver, apesar de a corrupção ser algo grave. Essa ideia de que as coisas não acontecem porque o governo é corrupto... A mídia teve um papel fundamental nisso. Eu não estou demonizando a mídia, tem que divulgar e contar a história, mas nos momentos de abertura das acusações, o *Jornal Nacional* ocupava uma hora com esse assunto, mostrando um cano do qual

saía o dinheiro... Era muito impactante. Não acho que a corrupção foi inventada pela mídia: ela existia, é muito grave e não pode acontecer. Mas ela se transformou na cabeça de muita gente como algo associada ao PT e, depois, ao PSDB. O que nós estamos assistindo é a implosão de um sistema apoiado na Constituição de 88 desde 94.

P. Que dimensão tem isso? Não só Bolsonaro foi para o segundo turno como também o PSL tornou-se o segundo maior partido da Câmara.

R. É uma mudança muito importante no sistema político. Revela o fato de como o PT e o PSDB não souberam lidar com o tema da corrupção, também não souberam lidar com o tema da segurança. Isso acabou se transformando num discurso da extrema direita. Mas Bolsonaro é quase uma tela em branco, porque ele não diz nada. Ele diz uma meia dúzia de chavões. Tem algo vagamente nacionalista e antissistema. Os diversos grupos da sociedade que votaram nele foram projetando... Ele dá um marco de extrema direita.

P. Mas agora ele vai ter que ir aos debates com Fernando Haddad, vai ter mais tempo de televisão... Em suma, terá de falar mais. É um desafio para a campanha dele?

R. Veremos se isso tem um efeito importante. O que estamos assistindo é uma onda. E, às vezes, a racionalidade não é um dique forte pra conter essa onda. Então, eu espero, como brasileira, que ela possa ser contida. Ela é muita maléfica para o país.

P. O que o PT e o Haddad precisam fazer para conter essa onda?

R. Haddad já acenou com a ideia de que vai trazer outros candidatos e fazer uma espécie de frente pela democracia, trazendo o centro junto. Mas tem coisas difíceis que ele terá que fazer. Tem que deixar de ir para Curitiba, porque isso o enfraquece enormemente. Um candidato a Presidente da República não pode ser visto como alguém que vai perguntar o que tem de fazer para um líder que está preso. A segunda coisa é tirar a camisa vermelha e colocar a camisa branca da conciliação, da paz, da negociação. Vai ter que

lidar com grupos dentro do PT que não entendem qual é a situação. Ele vai ter que mudar o seu programa econômico, mas não é isso que vai decidir agora a eleição. Seria bom que ele acenasse agora para não parecer que deu um cavalo de pau depois. Mas a minha sensação é que o PT, quando fez aquele programa, estava se preparando para perder as eleições para o [Geraldo] Alckmin. E aí fizeram um programa pra cerrar fileiras e juntar a militância, porque ele é inviável. Se você conversa com petistas mais esclarecidos, eles dizem que não dá, que tem que fazer reforma da Previdência e coisas do tipo. Então, há vários movimentos complicados que ele terá de fazer. Vai ter que trazer o [Fernando Henrique Cardoso](#) para dentro. Ele não tem mais poder dentro do PSDB, mas tem uma liderança moral importante no país.

P. Caso o PT, ao invés de ter esvaziado a candidatura do Ciro Gomes, tivesse se aliado a ele desde o começo, quais seriam as chances de neutralizar desde já a candidatura Bolsonaro?

R. Basta somar os votos. O Ciro conseguiu quase 12%, é bastante. Agora, para trazer o Ciro, terão de fazer grandes concessões, não só de agenda mas também de espaço dentro do governo caso o PT ganhe.

P. E caso Bolsonaro ganhe? É possível vislumbrar o que seria um governo dele?

R. Não tenho nenhuma condição prever. Na melhor das hipóteses ele vira um governo Collor. Na melhor. Mas não é isso o que ele está fazendo. Ele está formando uma base parlamentar significativa. Ele pode ter maioria no Congresso para fazer coisas muito danosas para o país. Acho muito difícil saber e acho melhor não pagar para ver (risos).

P. O Exército vem pairando em cima da política brasileira e também das eleições, com ameaças veladas, uma movimentação do Toffoli em direção a instituição... Devemos temer algum tipo de intervenção ou interferência do Exército?

R. Os apoiadores de Bolsonaro por enquanto são generais de pijama. Não sabemos como a instituição e a hierarquia vão atuar. Mas é lógico que, caso se forme uma situação de muita instabilidade, existe o risco sim do Exército atuar. Mas o maior risco é um governo civil autoritário com apoio militar. O que está acontecendo no mundo vai nessa direção. Como foi na Venezuela, inclusive. Acusaram muito o PT de querer imitar a Venezuela, mas é o Bolsonaro que está espelhando esse processo que aconteceu lá, onde o sistema tradicional, fundado na corrupção, ruiu. E apareceu uma liderança fora do sistema que foi destruindo a democracia. Se tem algo parecido ao chavismo, mas com outro sinal, é essa ameaça do Bolsonaro.

P. O PT apostou fortemente em manter o discurso da perseguição contra o partido e manter a candidatura de Lula até o último momento. Essa estratégia acabou se virando contra ele?

R. O que está claro é que a expectativa de que a transferência de votos fosse grande não se materializou. Lógico que ela aconteceu, Haddad não era conhecido por ninguém, e o fato de ser apoiado por Lula facilitou sua entrada. Mas isso ocorreu onde o PT tinha bases fortes e seguras. As pesquisas sobre identificação com partidos (que não sabemos exatamente o que significam, mas indicam uma tendência) mostram que cerca de 20 e poucos por cento da população apoiam o PT. É o único que tem esse apoio em escala nacional. E foi mais ou menos o que Haddad teve de votação. A votação do Lula é muito acima disso. E nem sei o que aconteceria com o Lula se ele fosse candidato.

P. O PT terá de fazer um *mea culpa* e pedir desculpas pela corrupção que cometeu?

R. O partido estava numa situação muito complicada, com seu principal líder na cadeia a partir de um processo controverso na maneira como foi conduzida. Essa coisa de prender depois da segunda instância também é controverso. Ele foi submetido a processos que dão espaços para a narrativa da perseguição. Nesse contexto, é muito difícil pedir pro PT admitir que fez mesmo tudo aqui. Ele estava numa situação complicada. Mas vai ter que fazer [um mea culpa].

Não sei se durante a campanha eleitoral ou depois, mas tem que fazer. E, sobretudo, tem que acabar internamente com esses procedimentos [de corrupção].

Agora, o eleitorado puniu muito fortemente não só o PT, mas o sistema como um todo. Lideranças muito importantes ficaram de fora, como os senadores Romero Jucá e o Eunício de Oliveira. Entraram candidatos de fora do sistema, entre aspas. No Rio, o [ex-juiz-federal] Wilson Witzel tá disputando. Em Minas, Antonio Anastasia (PSDB) dava sinais de que iria se eleger tranquilamente. A rejeição ao arranjo político anterior é enorme. Como as lideranças políticas de centro, de centro esquerda e centro direita não se deram conta do tamanho disso, Bolsonaro acabou canalizando melhor [essa insatisfação].

P. Qual é o papel do PSDB nesse processo? O que prejudicou o partido? Tem a ver com o fato de ter questionado o resultado das urnas em 2014 e, depois, ter participado do impeachment, como dizem alguns analistas?

R. Eles fizeram a crise política. Eles aprofundaram a crise, é uma responsabilidade muito grande. O grande derrotado do impeachment é o PSDB, que deu viabilidade ao processo. Sem ele não se teria conseguido fazer. Mas a centro direita se fragmentou e o PSDB se enfraqueceu demais. Se a vitória em São Paulo não se materializar, ele perde uma força importante. Ele perdeu espaço para a extrema direita e é o grande perdedor do impeachment. Ele imaginava que com o impeachment teria benefícios, mas fez um cálculo equivocado. A crise política se acirrou muito com o processo.

P. O PSDB fez acordo com o centrão, conseguiu o maior tempo de TV... Parecia se blindar contra Bolsonaro, mas isso também não funcionou.

R. Eles acharam que o jogo ia ser o mesmo de sempre. Era o cálculo que todos faziam nas eleições anteriores. E agora um cidadão que tinha poucos segundos na TV teve um sucesso impressionante. Por outro lado, o horário eleitoral funcionou muito bem para o Haddad. Sua votação não veio com rede social.

P. Acredita que Bolsonaro entendeu melhor o mal estar que veio à tona em 2013?

R. Não sei se entendeu, porque ele pensa aquela meia dúzia de coisas simples e erradas. Se o problema da segurança se resolvesse matando as pessoas, o Brasil não teria problemas de segurança, porque aqui a polícia mata com muita tranquilidade. E ele não tem nada a dizer sobre outras coisas. Mas ele expressa de maneira muito sintética a rejeição a isso tudo, a esse sistema que se afundou. Ele canalizou aquele sentimento.

19. New York Times: A democracia do Brasil pode ser salva?, por Robert Muggah

<https://jornalggm.com.br/noticia/new-york-times-a-democracia-do-brasil-pode-ser-salva-por-robert-muggah>

68

SEG, 08/10/2018 - 19:55

ATUALIZADO EM 08/10/2018 - 20:17

Jornal GGN - [Em artigo no The New York Times, Robert Muggah](#), co-fundador de um think tank no Rio de Janeiro, aborada a ascensão de um perigoso populista de direita que ataca a divisão e a desunião, e que parece estar indo para a presidência.

Muggah lembra que somos a quarta maior democracia do mundo e estamos às voltas com este problema. O ex-capitão obteve mais de 46% dos votos durante a primeira rodada das eleições presidenciais. O autor aponta para o fato do capitão enfrentar o segundo colocado, Fernando Haddad, do PT, em um segundo turno no dia 28 de outubro. Haddad conseguir apenas 27% dos votos e, mesmo que todos os outros candidatos esquerdistas e centristas o endossem, ele lutará para parar a ascensão de Bolsonaro.

Os brasileiros estão frustrados, desiludidos e zangados, aponta Muggah. E os protestos, que datam de antes da ascensão de Bolsonaro, vinham acontecendo contra a política cínica, a corrupção crescente, a estagnação econômica e os níveis de criminalidade de 'tirar o fôlego'. E, embora as pesquisas indiquem que a maioria dos brasileiros apoia a democracia, está-se mais desunido do que nunca. Mais da metade admitiu que iria apoiar um governo não-democrático se ' resolvesse problemas'. E lembra que Bolsonaro está neste contingente, já que

declarou que não aceitaria o resultado de uma eleição onde ele não seja declarado vencedor.

Para Muggah, a democracia do Brasil está oscilando no limite, mas seu colapso não é inevitável. Seu rejuvenescimento exigirá visão, humildade, tolerância e coragem para enfrentar o que parecem ser diferenças intransponíveis. Para ele, não importa quem vença a segunda rodada, as próximas semanas e meses verão o aprofundamento da polarização e o aumento do ódio. Isso não torna menos importante a busca de um meio termo progressivo e soluções reais para os problemas do Brasil, diz ele.

A eleição ressalta a escalada da política de divisão do Brasil, considera. A polarização política do país é profundamente pessoal, atravessando idade, gênero e classe. Muitos estão abertamente se perguntando se seus pais, irmãos ou colegas, que apoiaram Bolsonaro, eram sempre autoritários. E aqueles que não o apoiaram estão visivelmente nervosos, temerosos do ressentimento violento que sua campanha desencadeou.

O sucesso de Bolsonaro se deve muito ao seu poder de dividir, considera Muggah. Muitos de seus principais seguidores - especialmente os jovens que compõem sua base - estão comprometidos com sua cruzada contra a corrupção e o combate ao comunismo. Outros, incluindo mulheres de classe média, são atraídos mais estreitamente por sua mensagem 'dura no crime'. E parte da elite empresarial do país vê em Bolsonaro - juntamente com seu companheiro de chapa, o general aposentado do Exército Antônio Hamilton Mourão, e seu consultor financeiro pró-mercado, Paulo Guedes - um baluarte contra o retorno do Partido dos Trabalhadores, de esquerda, e de seu líder hoje preso, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Os três principais partidos políticos do Brasil compartilham a culpa pela fragmentação do país. Tanto Lula quanto sua sucessora, Dilma Rousseff, invocaram regularmente a retórica 'nós contra eles' durante seus 13 anos no poder, especialmente quando confrontados com os crescentes escândalos de corrupção descobertos pelas investigações da Operação Lava Jato. Os outros dois partidos principais, PMDB e PSDB, também colocaram o Brasil em rota de colisão quando votaram pela destituição de Dilma Rousseff, em agosto de 2016. Descrita pelos partidários de Dilma Rousseff como um golpe ilegal, o impeachment dividiu ainda mais os brasileiros.

No entanto, diz Muggah, é Bolsonaro quem representa a maior ameaça à manutenção da democracia do Brasil. Ele prometeu alegremente limpar Brasília e restaurar violentamente a lei e a ordem. Mas os brasileiros devem dar uma boa olhada em seu histórico à medida que o segundo turno se aproxima: depois de cumprir sete mandatos ao longo de quase três décadas, primeiro como membro do Conselho da Cidade e depois como congressista, ele entregou apenas dois projetos. Enquanto ele claramente tem as credenciais para liderar uma reação autoritária, muitos duvidam que ele tenha as habilidades para governar em um ambiente multipartidário que depende da construção de coalizões.

Bolsonaro e seu companheiro de chapa são orgulhosos apologistas da ditadura militar que reinou de 1964 a 1985, diz Muggah. Ele disse uma vez que sua única

falha era não ter matado mais pessoas. Sua equipe também apóia a repressão violenta ao crime: ele apóia abertamente a expansão dos poderes policiais para o uso de força letal, reduzindo a idade da responsabilidade penal de 18 para 16 anos e trazendo de volta a pena de morte. Ele defende maior envolvimento religioso na vida pública, aponta Muggah. No ano passado, ele declarou que o Brasil é um país cristão, que não existe tal coisa como um estado laico, e aqueles que discordam devem sair ou se curvar à maioria. Lembra ainda que ele recebeu repetidas denúncias do procurador-geral por propagação do discurso de ódio e é abertamente hostil às comunidades afro-brasileiras, populações indígenas e membros de movimentos sem terra, que ele descreveu como terroristas.

Os brasileiros podem abraçar a política de divisão e o apelo sedutor de soluções simplistas, seguindo o caminho de autoritários populistas da Hungria, Polônia e Filipinas. Alternativamente, eles podem preservar e renovar sua jovem democracia, finaliza.

20. A ELEIÇÃO DA VINGANÇA

A democracia virou arma de destruição que uma parte do eleitorado aponta contra a outra

MARCOS NOBRE . 03out2018_PIAUI

<https://piaui.folha.uol.com.br/eleicao-da-vinganca/>

Em 2014, depois de uma vitória apertada, Dilma Rousseff resolveu fazer o contrário do que tinha prometido como candidata. Aécio Neves resolveu não aceitar o resultado das eleições, com ações na Justiça e a convocação de manifestações de rua. E a Lava Jato começou a passar a motoniveladora no sistema político.

Foi nesse momento que Bolsonaro entrou em campanha. Seu discurso dizia que o PT precisava ser eliminado, mas que o PSDB não merecia destino diferente. Os tucanos tinham perdido nada menos do que quatro eleições seguidas para o PT por uma razão simples: não eram antipetistas o suficiente para ganhar. Eram farinha do mesmo saco, estavam mancomunados para se manter no poder, em um joguinho de fingimento. Bolsonaro prometia o antipetismo de raiz, sem a gravata e o ar-condicionado do PSDB.

Naquele momento, o eleitorado antipetista já estava com a pulga atrás da orelha, mas ainda não tinha abandonado o estacionamento tucano. Isso só veio a acontecer depois da parlamentada de 2016, que derrubou Dilma Rousseff. O desastroso governo Temer e a gravação de Aécio Neves foram o sinal que faltava para o começo da debandada.

Só que a candidatura de Bolsonaro não desalojou o PSDB da posição que tinha, apenas. O que aconteceu não foi simples troca de posições, com Bolsonaro passando a ocupar o lugar que antes era dos tucanos. Foi o arranjo todo que mudou.

Muito se falou do ódio que veio à tona com a campanha de 2014. Mas o ódio é parte da política há um bom tempo, e negar a sua existência é ignorar a realidade. A questão é o que fazer com esse ódio. Até 2014, PSDB e PT tinham conseguido conter os ódios respectivos dentro dos limites institucionais. O PT não fez a reforma política que tinha prometido em 2002, mas também não tomou

atitudes como possibilitar um terceiro mandato para Lula. Ao perder uma eleição, o PSDB dizia que o problema não estava no sistema político enquanto tal, mas em um sistema político que funcionava sob a liderança do PT.

Depois da estupidez pós-eleitoral de Aécio Neves, o ódio antipetista ficou solto na rua, pronto para ser canalizado não só fora das instituições, mas, sobretudo, contra elas. Já não era mais o funcionamento do sistema político que devia ser odiado, era o sistema enquanto tal. Quem quer que viesse de dentro desse sistema era já culpado por suspeita.

Bolsonaro canalizou esse ódio em vingança. Prometeu fazer terra arrasada do sistema político. Prometeu “fuzilar essa petralhada”, como disse em um ato de campanha no Acre poucos dias antes de ser esfaqueado em Juiz de Fora. Não foi por acaso que disse não aceitar outro resultado a não ser sua própria vitória. É o único resultado que pode prometer um vingador. Quem aceita uma derrota em uma eleição confessa fazer parte do sistema que prometeu demolir.

É evidente que Bolsonaro está vendendo ilusão. Caso vença a eleição, o sistema político continuará lá inteirinho no dia seguinte, com todos os seus deputados, governadores, senadores e ministros do Supremo Tribunal Federal. E aí ele terá duas possibilidades: dar um cavalo de pau no que prometeu e se acertar com esse sistema, ou dar o autogolpe prometido por seu candidato a vice, o general Mourão.

O eleitorado de Bolsonaro está ciente disso? Difícil saber, difícil medir. Uma parte sim, e acha que o capitão vai se acertar com o sistema, que tudo não passa de discurso de campanha – para derrotar o PT qualquer coisa está valendo. Outra parte aguarda com ansiedade o autogolpe. Mas é possível que o maior número de seus eleitores não se importe, simplesmente. Afinal, quando o prato oferecido é a vingança, o que vai se comer no dia seguinte importa pouco. Preocupar-se com o dia seguinte, na lógica do capitão-candidato, é a maneira que o sistema político tem de enganar todo mundo há décadas.

O sucesso da candidatura Bolsonaro está em dizer: já que não dá para mudar a democracia de dentro, que venha alguém que não tem compromisso com ela para fazer a mudança. E se não der certo, se o resultado for o fim da democracia? Se não der certo, se a democracia acabar é porque ela já não era mais um caminho viável para a vida em comum, paciência. A democracia virou uma arma de destruição que uma parte do eleitorado aponta contra a outra parte.

Estamos longe de 2014. Não existe mais o “nós contra eles”. Pelo menos não no sentido anterior. Mudou o “nós”. E mudou o “eles”. Sobretudo, mudou o “contra”: como militar e defensor das armas, Bolsonaro convenceu que tem as credenciais para ser o exterminador do PT e do sistema político, que, para seu eleitorado, nenhum outro partido representa tão bem como o PT.

Não foi suficiente tirar o PT do poder. Não bastou prender Lula. O ex-presidente continuava liderando as pesquisas mesmo assim. Só a vingança pode terminar o serviço, tal como disse o capitão repetidas vezes: “O erro da ditadura foi torturar e não matar.”

Porque o discurso de Lula foi certo para recuperar um eleitorado que tinha se afastado do PT depois do governo Dilma Rousseff e das revelações da Lava Jato. A ideia desse discurso é mais ou menos a seguinte: se o PT é igual a todos

os outros, se é farinha do mesmo saco, por que apenas Lula está preso e por que apenas Dilma Rousseff foi apeada do poder? Se todo governo é igual, por que o de Temer é tão pior quando comparado aos governos do PT?

Em mais uma de suas impressionantes metamorfoses, Lula conseguiu transformar a candidatura petista em uma candidatura antissistema. Trouxe de volta para essa candidatura uma juventude que já tinha se afastado do partido e de seus governos. A prisão deu credibilidade à versão de um PT perseguido pelo sistema porque é um partido que ameaça o sistema.

Quem vai decidir a eleição é quem ainda não escolheu uma das duas candidaturas antissistema. Isso inclui parte do eleitorado antipetista e do eleitorado “nem nem”, aquela parcela que recusa a divisão da política entre PT e antiPT. Todo esse grupo só vai aderir à lógica da vingança se ela vier das duas candidaturas que chegarem ao segundo turno. E isso quer dizer muito claramente: apenas se a candidatura de Haddad vier a aceitar a lógica da vingança com a qual Bolsonaro quer conduzir a eleição.

Haddad tem de convencer a parte do antipetismo que hesita em aderir a Bolsonaro e o eleitorado “nem nem” de que não pretende destruir ninguém, que não é candidato para se vingar do que foi feito ao seu partido, a Dilma Rousseff e a Lula. Para isso, precisa tomar as rédeas de sua candidatura e instalar ordem unida dentro de seu próprio campo. Ninguém pode falar pela campanha a não ser que tenha sua autorização para isso.

Mas não só. A eleição não vai resolver a fratura exposta do país. Ao contrário, as cisões tendem apenas a se aprofundar. Para o eleitorado que não aderiu à lógica da vingança a questão central tem a ver com o futuro, com as consequências, com tudo aquilo que não conta na lógica da vingança. Talvez possa ser formulada assim: qual o caminho menos pior para tentar recompor aquele conjunto básico de regras que permite o convívio das diferenças sem violência e que costuma receber o nome de democracia?

Tem muita gente que não vota no PT de jeito nenhum, mas que também não quer jogar fora o bebê com a água do banho. Boa parcela do eleitorado antipetista e do eleitorado “nem nem” não quer fazer terra arrasada do sistema político, mesmo indignada com os horrores em série que a política oficial foi capaz de produzir. É isso, no fundo, o que estará em causa na votação em segundo turno.

MARCOS NOBRE

É professor de filosofia da Unicamp e autor de *Imobilismo em Movimento*, pela Companhia das Letras, e *Como nasce o novo*, pela Todavia

O PT EM SEGUNDO LUGAR

Ameaça autoritária exige pacto de refundação institucional

MARCOS NOBRE

10out2018_ <https://piaui.folha.uol.com.br/o-pt-em-segundo-lugar/>

OPT sobreviveu excepcionalmente bem às eleições legislativas. O total de 56 representantes que alcançou na Câmara pode parecer pouco. Arredondando, dá apenas 11% do total de 513 deputados e deputadas. Só que é simplesmente a

maior bancada. Nada menos que trinta partidos têm agora representação na Câmara.

O PT tem atualmente 61 deputadas e deputados – 54 tentaram a reeleição, quarenta conseguiram um novo mandato. Em uma eleição com altas taxas de renovação, é um feito surpreendente: nada menos que 74% de taxa de reeleição. A taxa de reeleição para a Câmara como um todo ficou em 48%.

No caso da eleição para o Senado, o resultado pode não parecer tão impressionante. Afinal, dos quatro senadores do PT que tentaram a reeleição, apenas dois conseguiram renovar seus mandatos (50%). Mas, comparada à taxa de reeleição para o Senado como um todo, de 25%, fica claro que foi também um feito pouco desprezível. Mesmo com derrotas simbólicas importantes, como a de Dilma Rousseff em Minas Gerais e a de Eduardo Suplicy em São Paulo.

Alcançar esse objetivo envolveu entre outras coisas neutralizar as lideranças de Ciro Gomes e de Marina Silva. Com Lula fora da disputa, tanto Ciro como Marina se candidataram a herdar seu espólio político, apresentaram-se como novas lideranças do lulismo. A estratégia de Lula conseguiu sufocar essas duas alternativas, garantindo que o PT, mesmo estropiado, chegasse ao segundo turno da eleição presidencial.

As operações de sobrevivência da máquina e do afastamento de competidores se deram ao custo altíssimo de espalhar minas de alto poder destrutivo onde quer que tenham sido feitas. Pioraram em muito as condições de reorganização do campo de centro-esquerda em termos positivos, com perspectiva de futuro. Se o partido não fizer agora o que é necessário fazer para vencer a eleição, terá detonado automaticamente todas as minas que espalhou.

O PT teve desses raros privilégios na vida que é a oportunidade de renascer. Foi assim no mensalão, morte da qual renasceu na eleição de 2006. Ao contrário do que prometeu, não aproveitou essa chance para se reformar e para reformar o modo de funcionamento do sistema político. Essa é uma das fontes relevantes do antipetismo feroz que mostrou seus dentes nesta eleição. Não é possível ignorar que foi o próprio PT que, em boa medida, o produziu.

O partido de Lula tem agora o ainda mais raro privilégio de renascer pela segunda vez. Só que desta vez vai sobreviver apenas se se mostrar maior do que é, se abrir mão de concentrar poder. Só renascerá se se apresentar como mero ponto de confluência de uma reconstrução institucional. É sua última chance – como partido e como instrumento de transformação da realidade.

Evitar o abismo exige um pacto de salvação institucional que tem de colocar o PT necessariamente em segundo plano. Haddad só tem chance se conseguir mobilizar a sociedade em torno de sua candidatura. A sociedade, e não um círculo que fique restrito a partidos, sindicatos ou movimentos estabelecidos. Tem de construir uma onda que possa se contrapor à onda que colocou Bolsonaro onde está. Tem de conversar e de pactuar uma frente de reconstrução institucional com uma multidão de figuras do mundo da internet, da indústria, dos

novos coletivos sociais, da finança, da cultura, do agronegócio, de ONGs, da televisão e de tantos outros lugares. Onde quer que exista repulsa, ojeriza ou alguma restrição a Bolsonaro, aí tem de estar a candidatura de Haddad, pronta a acolher energia e apoios. Ou, quando não for possível, pedindo ao menos neutralidade.

Para isso, tem de convencer de que está à altura da gravidade do momento. Tem de dar garantias de que vai recolocar as instituições em novo e positivo patamar de funcionamento. Tem de convencer de que estará acima de seu próprio partido.

Porque ganhar a eleição é apenas parte do problema. A menor parte do problema, aliás. A sociedade está enfurecida. A eleição para os legislativos aumentou a fragmentação partidária ao ponto do ingovernável. É um condomínio sem síndico, administradora ou regulamento interno. A chance de o prédio virar uma guerra de todos contra todos é alta. A chance de uma regressão autoritária à maneira da Turquia entrou no horizonte.

Ignorado desde Junho de 2013 em seu clamor pela reforma do sistema político, o eleitorado resolveu espalhar, bagunçar e mesmo quebrar as peças do tabuleiro, destruindo os arranjos existentes. O que está em causa no segundo turno é, antes de qualquer outra coisa, demonstrar capacidade de remontar essas peças dispersas e danificadas em um arranjo que funcione, no qual o eleitorado possa de novo se reconhecer minimamente.

Não caberá ao futuro governo apenas coordenar uma multidão de partidos, grupos e interesses, como se tudo continuasse como antes, apenas com peças um pouco diferentes. Para que não tenhamos uma situação de crise permanente, o futuro governo terá de participar de maneira ativa em uma reorganização geral do sistema político, estabelecendo mecanismos de coordenação e de decisão inteiramente novos.

Para além de todas as atrocidades conhecidas pelas quais Bolsonaro é responsável, é aterrorizante pensar que um candidato totalmente desprovido de equipe e de qualquer experiência de coordenação de governo possa vir a ocupar esse lugar crítico neste momento crítico. Bolsonaro tem muita mobilização e nenhuma organização. É receita certa de desastre.

Uma tarefa dessa magnitude não cabe a uma pessoa. Não cabe a um partido tampouco. É problema que só pode ser enfrentado com a formação de uma ampla frente de pessoas, organizações, instituições, partidos, grupos e movimentos preocupados com a reconstrução institucional da democracia. A impressão de que estamos de volta à década de 80, aos primórdios da redemocratização, tem algo de real. Porque estamos de fato em um momento de refundação institucional. E, como em todo momento inaugural, as chances de dar muito errado são muito maiores do que em qualquer outro momento.

No segundo turno, não se trata de escolher entre opções políticas e sim entre democracia ou não

EDITORIAL

EL

PAÍS

[HTTPS://BRASIL.ELPAIS.COM/BRASIL/2018/10/08/OPINION/1539015454_974239.HTML?ID_EXTERNO_RSOC=FB_CC](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/08/opinion/1539015454_974239.html?id_externo_rsoc=fb_cc)

8 OUT 2018 - 23:41 BRT



Fernando Haddad comemora sua ida ao segundo turno das eleições presidenciais ANDRE PENNER AP

MAIS INFORMAÇÕES



-  [As mudanças do mapa brasileiro do voto em 16 anos](#)
-  [Sucesso de Bolsonaro dá mais força ao crescimento global da extrema direita](#)
-  ['Como resistir em tempos brutos', por Eliane Brum](#)

A taxativa vitória do ultradireitista [Jair Bolsonaro](#) (PSL) no primeiro turno das [eleições presidenciais](#) realizadas no domingo, 7, no Brasil coloca o eleitorado diante de uma decisão radical. No segundo turno, previsto para o dia 28 de outubro, já não se trata de escolher entre duas opções políticas diferentes,

mas ambas democráticas, e sim entre um candidato que entende e cumpre os padrões de governança das democracias ocidentais e outro que despreza e considera inválido o sistema de liberdades que desde o final da ditadura garante a igualdade e o progresso de 208 milhões de brasileiros.

Bolsonaro, com um [discurso abertamente xenófobo, racista, homofóbico](#) e laudatório da ditadura militar (1964-1985) obteve 46% dos votos, muito perto da maioria absoluta que lhe teria outorgado diretamente a chefia do Estado. [Fernando Haddad](#), do histórico Partido dos Trabalhadores (PT), e candidato sucessor do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, conseguiu passar ao segundo turno com 29,3%. Mais preocupante do que os números é o fato de que as falas de Bolsonaro tocaram amplas camadas da população brasileira que veem esse militar da reserva como a solução da profunda crise institucional e econômica que assola o país há quatro anos e pelas quais culpa exatamente o PT.

A diferença de votos entre os dois é grande, mas não intransponível porque o que está em jogo é muito mais do que uma vitória eleitoral. É assim que devem entender a situação tanto os eleitores de qualquer tendência política quanto Haddad, que pelo segundo turno é obrigado a realizar uma exposição integradora e de abertura em relação aos que até domingo eram seus grandes rivais no campo democrático. Sua candidatura já não é somente a do PT e sim a de todos os [democratas](#) do Brasil.

Nessa encruzilhada os que foram rivais de Haddad no primeiro turno farão bem em abandonar a exasperante colocação que apresenta o candidato do PT e Bolsonaro como dois extremos comparáveis. Nada mais longe da realidade. Com todas suas polêmicas, problemas, escândalos e processos judiciais, o PT é um partido que na oposição sempre respeitou as regras do jogo democrático, que ganhou quatro eleições presidenciais de forma absolutamente limpa, sob cujo governo a democracia brasileira se transformou em um exemplo de progresso e que entregou o poder como a lei exigiu mesmo considerando que o procedimento - o [impeachment da presidenta Dilma Rousseff](#) em 2016 - era politicamente ilegítimo. Pelo contrário, o candidato a vice de Bolsonaro fala

abertamente em reformar a Constituição de uma forma ilegal - mediante um conselho de notáveis - e justifica a possibilidade de um golpe de Estado se as circunstâncias permitirem, propostas que Bolsonaro rejeitou. O próprio candidato, no entanto, fala abertamente em dar um papel preponderante ao Exército e carta branca à polícia para matar. Não é possível continuar dando pouca importância a declarações inaceitáveis marcando-as como uma estratégia para ganhar eleições. Nem tudo vale.

O Brasil não é a primeira democracia que vive essa situação. A França já passou por isso em 2002 quando Jean Marie Le Pen chegou ao segundo turno. Os franceses, à época, perceberam que a democracia não tem atalhos e votaram em Jacques Chirac. Agora é a vez dos brasileiros.

22. FURACÃO DEVASTADOR

Tereza Cruvinel

O Nordeste garantiu o segundo turno, mas as outras regiões, levando Jair Bolsonaro a tão perto da vitória no primeiro, fortalecem profecias de um segundo turno sangrento. “É porrada. Se tiver segundo turno, o confronto vai ser direto”, disse o presidente do PSL, Gustavo Bebian. Será outra eleição, Bolsonaro terá que se expor e dizer o que pensa, ou dissimular o que pensa, mas a verdade tem que ser dita: será muito difícil impedir que ele se eleja.

O candidato do PT, Fernando Haddad, liderando a frente de centro-esquerda que deve começar hoje mesmo a ser construída, terá que conquistar eleitores (46,38%) que votaram em Bolsonaro. Terá que fazê-lo encolher, como Lula fez com Alckmin em 2006, quando o tucano, no segundo turno, perdeu 2,5 milhões de votos. Não será fácil, depois da forte adubação do antipetismo. Por isso agora ele precisa ir além do PT, além da esquerda. Como candidato de Lula, ele foi até onde deu. Lula também já fez por ele o que podia. Agora ele precisa ser o candidato da unidade democrática, como dizíamos no tempo da ditadura.

Bolsonaro estava crescendo, sabíamos, mas nenhuma pesquisa captou a força do furacão de extrema-direita que vinha varrendo os estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, atropelando os concorrentes à direita, abduzindo seus votos e arrastando os indecisos para produzir uma vitória que não se confirmou por muito pouco.

O furacão sumiu com os votos de Marina Silva, que saiu do pleito atrás do Cabo Daciolo, com menos de 1% dos votos. O voto antipetista que ela tinha foi para Bolsonaro e o voto progressista para Ciro ou Haddad, quando o eleitor sentiu a força do vento.

O PSDB encerra melancolicamente sua trajetória como partido líder da direita liberal. Geraldo Alckmin ficou com menos 5% dos votos e não chegou a 10% em São Paulo, reduto tucano. O voto antipetista que estava com ele migrou para seu

novo e verdadeiro dono. Muitos foram os tucanos derrotados nos estados, como Beto Richa (PR) e Marcone Perillo (GO).

O furacão arrasou com oligarquias e forças conservadoras, o que torna Bolsonaro ainda mais imperial. Com a votação que teve, não vai negociar com ninguém. Se virar presidente, depois verá o problema da governabilidade. Adesistas não faltarão num congresso que virá renovado pela direita. Foram derrotados nomes Eunício Oliveira, Edison Lobão, Sarney Filho, Ricardo Ferraço, Roberto Requião, entre tantos.

O PT, sofreu derrotas estaduais importantes, como as de Fernando Pimentel e Dilma Rousseff em Minas, mas garantiu a sobrevivência elegendo bom número de governadores e senadores no fiel Nordeste. Ciro Gomes afirmou-se como alternativa de esquerda ao PT, para o futuro. Boulos tornou-se conhecido e conferiu ao PSOL a relevância não obtida com a candidatura de Luciana Genro em 2014.

BOLSONARO FURIOSO

Para quem esperava liquidar a fatura no primeiro turno, ter que disputar o segundo por menos de quatro pontos percentuais será motivo de fúria, elemento já tão próprio de Bolsonaro. Ele agora não poderá se esconder como no primeiro turno e a blindagem da fachada já terá passado. Terá que enfrentar nos debates um candidato intelectualmente superior e conferir alguma densidade aos dez minutos diários que ele e Haddad ocuparão, isonomicamente, no rádio e na TV.

Aos inconvenientes de uma nova disputa, soma-se a criação de uma nova correlação de forças. Os que votaram em Bolsonaro sabem que é um risco real à democracia e não se incomodaram. Foram declarações dele, muitas delas gravadas, que lhe deram a fama de racista, machista e misógino, de defensor da tortura e da ditadura, mas os que votaram nele não se incomodaram. Mas existe a outra metade do país que rejeita esta marcha regressiva, e terá como alternativa o candidato do PT que, no segundo turno, terá que se transfigurar, liderando uma frente democrática, negociando seu programa, congregando a esquerda, parte do centro, o que inclui adversários do PT que não flertam com o fascismo. A hora exige de todos, grandeza.

23- “O ódio deitou no meu divã”

Relatos de psicanalistas revelam a violência que cresce e se infiltra no Brasil com a possibilidade de Jair Bolsonaro chegar à presidência da República

ELIANE BRUM

11 OUT 2018 -

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/10/politica/1539207771_563062.html?id_externo_rsoc=FB_CC

Ele entra sem dizer uma palavra e logo começa a chorar. Pergunto o que aconteceu e ele me diz, assustado, que foi abordado por um cara da faculdade, com as seguintes palavras:

– E aí, seu *viadinho* de merda, já viu as pesquisas? Vai aproveitando até o dia 28 pra andar de mãozinha dada, porque, quando o mito assumir, acabou essa putaria e você vai levar porrada até virar homem.

Depois, é a menina que já entra chorando e me diz:

— Sil, me ajuda... não sei o que fazer... você não vai acreditar no que aconteceu comigo hoje... Eu estava na escola e fui pegar um livro no meu armário... Tinha uma folha de papel...

Aí ela me mostra uma foto no celular, porque entregou a tal folha na diretoria, com esta mensagem aqui:

– Achou mesmo que era só sair gritando [#elenão](#) pra parar o bolsomito, feminazi??? Perdeu, escrota!! E daqui a pouco você vai ter motivo pra gritar de verdade!!!

O relato, feito pelas [redes sociais](#), é da psicanalista Silvia Bellintani, pouco antes do primeiro turno das eleições. Devidamente autorizada pelos pacientes, ela conta o que escutou de dois deles no seu consultório, numa mesma tarde: ele, homossexual, 19 anos; ela, heterossexual, 17 anos, feminista.

Nos últimos dias, começaram a circular posts de psicanalistas e psicólogos que decidiram levar para o debate público o que escutam no seu consultório. Sem expor os pacientes, mas apontando o que vem acontecendo na sociedade brasileira apenas pela possibilidade, bastante grande, de um homem como [Jair Bolsonaro](#), defensor da ditadura, da tortura e da violência, assumir a presidência do país.

"Desde o final do primeiro turno, o ódio tomou mais corpo. Mais corpos"

Em um post intitulado "Ser analista sob o ódio", Ilana Katz escreveu:

“Alguém, dilacerado, conta que apanhou em casa por defender suas posições e, na sessão seguinte, outro alguém refere como *fake news* o que a colega conta sobre amigos homossexuais sofrerem agressões. Alguém diz que não pode votar em corrupto, xinga os corruptos, odeia os corruptos e se inflama ao dizer que as instituições da República vão controlar a misoginia e o racismo de Bolsonaro, e então renova seus votos. Entra depois a menina que sofreu constrangimento público no metrô por vestir #EleNão, e nem pessoa nem instituição nenhuma correu em seu socorro. Essas não são conversas de WhatsApp. Nas duas últimas semanas, o ódio deitou no meu divã e não saiu mais. Entra e sai gente: criança, adulto, adolescente, e esse é o tipo de afeto que circula. Desde o final do primeiro turno, o ódio tomou mais corpo. Mais corpos”.

"Palavras que incentivam a negação absoluta do outro são como balas perdidas: encontrarão um ponto de parada para perfurar"

Várias instituições de psicanálise fizeram manifestos pela democracia —e contra a opressão representada pela candidatura de extrema direita. Entre elas, a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano:

“A política da psicanálise se associa à ética do bem-dizer e nos leva a fazer frente ao discurso do ódio ao outro, em pleno Estado democrático. O discurso do analista deve circular na pólis e, quando nos dirigimos ao mundo, o silêncio do ‘terror conformista’ não nos cabe”.

Psicanalistas da Escola Brasileira de Psicanálise também posicionaram-se, propondo “um movimento de circulação de breves relatos do que tem sido escutado nas ruas do país sobre os efeitos nefastos que a ameaça do fascismo é capaz de provocar”. Em texto veiculado nas redes, afirmam:

“Quando o valor das palavras é banalizado, a ponto de o pior poder ser dito por um candidato à presidência da República, como se fossem apenas palavras ao ar, perdemos a noção de que estamos escrevendo, com elas, nossa história. Perdemos a noção de que palavras se cravam na história, nos ouvidos e nos corpos de um país. Palavras que incentivam a negação absoluta do outro são

como balas perdidas: encontrarão um ponto de parada para perfurar. E nunca se sabe ao certo, de antemão, onde será. Não será sem consequências nos fazermos de surdos para o pior. Escutemos, pois”.

Em seguida, enumeram alguns relatos escutados nas ruas do Brasil nos últimos dias:

“Uma amiga estava amamentando seu filho, que tem menos de um ano, em uma padaria próxima à sua casa, quando passaram dois caras e um deles gritou, olhando pra ela: ‘Quando ele ganhar, essas vagabundas não vão mais poder fazer isso!’”;

“Um casal de meninas anda na rua e ouve de um passante: ‘Aproveita, porque o 17 vem aí!’”;

“Depois de uma longa conversa com alguém, na tentativa de argumentar contra o que representa o ‘Coiso’, o alguém perde os argumentos e enuncia a verdade velada. ‘Ah, quer saber, foda-se se ele defende a tortura. Comunista pode ser torturado!’”;

“Meu enteado andando na rua com camiseta da faculdade (UERJ) ouviu de cinco homens passando de carro: isso vai acabar quando o mito ganhar, você estuda nessa merda e nunca vai ganhar dinheiro”;

“Minha filha, ontem, na saída da escola, foi abordada por um cara, que, por conta do adesivo do [Haddad](#), que ela trazia colado na camisa, mandou essa: ‘Fica esperta que eu sou do exército Bolsonaro que esfola comunista’”.

A crise no Brasil não é só política e econômica, mas uma crise da palavra

Tenho escrito há anos que a crise do Brasil não é só política e econômica, mas [uma crise da palavra](#). Quando tudo pode ser dito, nada mais diz. As palavras, no Brasil, [se tornaram palavras fantasmas, porque nada movem](#). Essa realidade ficou explícita quando Jair Bolsonaro, ao votar pelo impeachment de [Dilma Rousseff](#), homenageou o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, um

dos mais sádicos torturadores da ditadura, responsável pela morte de pelo menos 50 pessoas e pela tortura de centenas –e nada aconteceu.

Nesta eleição, seus filhos e apoiadores vestiram camisetas com o rosto do torturador e as palavras “Ustra vive!” – e, mais uma vez, nada aconteceu. Enquanto isso, mães ainda choram por seus filhos assassinados por Ustra – e mulheres torturadas por ele, que levaram choques elétricos nos seios e vaginas e tiveram baratas e ratos enfiados nos seus corpos, ainda acordam gritando à noite.

Se as palavras se tornam cartas extraviadas, cartas que não chegam ao seu destino, o diálogo é interdito, e o ódio se instala. O fenômeno Bolsonaro pode ser compreendido também a partir do esvaziamento das palavras. É uma resposta possível para o fato de que [quase 50 milhões de brasileiros](#) foram capazes de votar em alguém que diz o que Bolsonaro diz. Muitos deles, inclusive assistindo a vídeos em que ele diz o que diz, negam que ele disse o que diz. Veem, mas não veem. Ouvem, mas não escutam.

Sem diálogo, as palavras perfuram os corpos. É urgente que as palavras voltem a dizer no Brasil –ou elas serão cada vez mais balas perdidas. E sabemos que balas perdidas acham corpos. É este o movimento dos psicanalistas que escolheram não se omitir neste momento de tanta gravidade para o Brasil, certamente o momento mais grave da história recente do país, talvez o momento mais grave desde o golpe de 1964.

Algo muito profundo, muito tenebroso, se infiltra mais e mais nos ossos deste país

O [ódio ao PT](#), explicação dada por parte dos que votam em Bolsonaro e por muitos que pretendem votar em branco ou anular o voto ou se abster de votar não é a doença, mas o sintoma. Algo muito profundo, muito tenebroso, se infiltra mais e mais nos ossos deste país. É no divã dos psicanalistas, em que a palavra tem espaço e carne, que essa escuridão emerge em todo o seu horror.

Ao iniciar o seu relato, Silvia Belintani afirma: "Eu poderia dizer que estou sem palavras para descrever o que testemunhei hoje no meu consultório. Mas tive o dever de encontrá-las, para não deixar que algo assim, gravíssimo, fique sem registro". E, mais adiante: "O cenário das eleições sequer foi definido, mas já encoraja o sadismo e promete ser palco do terror. Fico imaginando o que vem pela frente".

Em seu post, Ilana Katz faz uma análise profunda sobre o papel de um analista também neste momento (abaixo reproduzo o post). E afirma: "O antipetismo é um dos nomes para o ódio. De novo, palavras que encurtam o dizer: autocrítica, criminoso, preso, poste. São palavras que falam de todos e de tudo ao mesmo tempo. Mas, o que dizem para quem diz de quem diz?"

E termina:

"Por força e por exercício do ofício, um psicanalista não pode recuar no espaço público diante da ameaça à democracia. Não pode se curvar ao ódio, e não deve responder especularmente ao ódio. Para que os odiadores e os odiados possam seguir se deslocando de seus lugares e posições, para que possamos achar palavra e movimento, hoje desdubro minha condição de psicanalista em direção à cidade para dizer #DemocraciaSim".

"SER ANALISTA SOB O ÓDIO"

Alguém, dilacerado, conta que apanhou em casa por defender suas posições e, na sessão seguinte, outro alguém refere como "fake news" o que a colega conta sobre amigos homossexuais sofrerem agressões. Alguém diz que não pode votar em corrupto, xinga os corruptos, odeia os corruptos e se inflama ao dizer que as instituições da República vão controlar a misoginia e o racismo de Bolsonaro e então renova seus votos. Entra depois a menina que sofreu constrangimento público no metrô por vestir #EleNão, e nem pessoa nem instituição nenhuma correu em seu socorro.

Essas não são conversas de WhatsApp.

Nas duas últimas semanas, o ódio deitou no meu divã e não saiu mais. Entra e sai gente: criança, adulto, adolescente, e esse é o tipo de afeto que circula.

Desde o final do primeiro turno, o ódio tomou mais corpo. Mais corpos. Ouço as histórias, tento escutar, procuro as sutis diferenças. No esforço de escutar esses sujeitos, brigo comigo para abandonar o ritmo do WhatsApp. Aqui, assim como lá, não há trégua porque não há outro tema. Há odiados e odiadores. E eu aprendo, mais uma vez, que ódio varia pouco, e permite poucas variações também.

As palavras, em looping, não permitem que o sujeito possa se dizer. São as mesmas palavras que ocupam o discurso de uns (corrupção-ladrão- quadrilha-dinheiro-justiça. Eu-não-sou-idiota), e o mesmo medo que distribui os termos dos outros (fascismo-direitos sociais-apanhar-fugir-lutar. Medo-pânico-medo).

O antipetismo é um dos nomes para o ódio. De novo, palavras que encurtam o dizer: autocrítica, criminoso, preso, poste. São palavras que falam de todos e de tudo ao mesmo tempo. Mas, o que dizem para quem diz de quem diz?

O estancamento do dizer é uma tarefa do analista na clínica. É preciso fazer isso trabalhar. É preciso procurar a ligação particular entre esses termos em cada história. Drenar o ódio e oferecer a chance da subjetivação das experiências. Como direção, tocar o gozo, alçar responsabilidade subjetiva.

Por força e exercício do ofício de psicanalistas, sabemos o que a palavra quer dizer como possibilidade para o sujeito e para suas formas de laço. Para que seja possível um viver com os outros. É assim que aprendemos que psicanálise e democracia se fazem valer do mesmo princípio condicionante, que é a circulação livre das palavras. A diferença entre clínica e espaço público guarda a também fundamental diferença dos níveis de tratamento que a palavra que circula deve receber. A tão famosa neutralidade do analista só vale se, sustentada no Desejo do Analista, garantir a possibilidade de que aquele que fala seja o mais livre possível na sua relação com o que diz.

No exercício do seu ofício, um psicanalista suporta, em sua clínica, a hiância entre o singular e o coletivo que o sintoma sustenta. Por força e exercício do ofício, um psicanalista se responsabiliza pelo que a psicanálise e a clínica lhe ensinam sobre o que é o controle do dizer, que é também o controle do pensar e do limite do gesto de um outro. Por força e por exercício do ofício, um

psicanalista não pode recuar no espaço público diante da ameaça à democracia. Não pode se curvar ao ódio, e não deve responder especularmente ao ódio.

Para que os odiadores e os odiados possam seguir deslocando-se de seus lugares e posições, para que possamos achar palavra e movimento, hoje desdubro minha condição de psicanalista em direção à cidade para dizer #DemocraciaSim.”

(Ilana Katz, psicanalista, São Paulo)

24. O dever dos neutros: FRENTE DEMOCRÁTICA – R.Ricúpero

U NEUTRO DOS JUZGADOS ORIENTADOS E INFLUENCIADO QUE REFLETA AS DIVERSAS DIMENSÕES DO PERÍODO CONTEMPORÂNEO

O dever dos neutros

É preciso lutar por uma frente democrática

Rubens Ricupero

Diplomata, ex-embaixador do Brasil em Washington (1991-1993) e Roma (1995); ex-ministro do Meio Ambiente e da Fazenda (1993-1994 e 1994, governo Itamar)

“Entre os que destroem a lei e os que a observam não há neutralidade admissível”. Rui Barbosa (1849-1923) pronunciou essas palavras em Buenos Aires (1916) no contexto da Primeira Guerra Mundial. Neutralidade, explicava, “não quer dizer impassibilidade: quer dizer imparcialidade; e não há imparcialidade entre o direito e a injustiça”.

A clareza da distinção pode ajudar-nos a enfrentar o dilema eleitoral na definição do dicionário: situação embaraçosa com duas saídas difíceis ou penosas. Vejamos em concreto se há diferença entre essas saídas.

Não há lugar, creio, para imparcialidade entre quem quer retirar o Brasil do Acordo de Paris sobre clima e quem deseja honrá-lo. Tampouco sou imparcial entre quem defende a proteção dos ecossistemas tal como prescrito na lei e os que ata-

cam suposta indústria de multas do Ibama contra desmatadores ilegais.

Os mesmos que tencionam suprimir o Ministério do Meio Ambiente e subordiná-lo ao da Agricultura em ótica meramente produtivista, sem olhar as consequências de devastação ambiental e da concentração de renda.

Entre os defensores da Constituição, da democracia liberal, da tolerância, da diversidade, da civilidade na vida política e seus detratores, escolho sem hesitar os primeiros. Coloco-me ao lado dos promotores dos direitos humanos, da prioridade de combater a desigualdade, suprimir a miséria; sou contra os críticos de tais posições.

Prefiro diplomacia que preserve o papel construtivo do Brasil como fator de moderação e equilíbrio no continente e no mundo aos que advogam atitudes que nos isolariam da

maioria da humanidade.

Um exemplo é a intenção de Bolsonaro de transferir a Jerusalém nossa embaixada em Israel na ausência de acordo com todos os interessados. Isso nos relegaria a situação ridícula, abaixo do Paraguai, que teve o bom senso de recuar dessa tresloucada ideia.

Entre valores e contravalores não tenho o direito de ser neutro. Darei meu voto ao candidato que encarnar valores absolutos e inegociáveis como os mencionados acima.

Dito isso, penso que o dever dos neutros é ir além do voto e lutar por uma frente democrática que una o mais amplo espectro de opinião possível.

Concordo com os pontos levantados por Celso Rocha de Barros no artigo publicado por esta *Folha* na última segunda-feira (8). Por definição, uma aliança não deve refletir hegemonia de nenhum partido. Tem de acolher a exigência popular de combate à corrupção, ajuste fiscal, responsabilidade no uso de recursos escassos —o que falta no programa do PT, além da autocrítica.

Não se vai ganhar só com o PT e a esquerda. Reconhecer esse fato obriga a ter um programa de mínimo denominador comum que conquiste os moderados.

E, no caso de difícil vitória, dê garantia a todos de que se terá um governo não sectário, pacificador e unificador da sociedade brasileira.